

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**FERNANDA VIEIRA DE MEDEIROS**

**CARTOGRAFIAS COM CRIANÇAS: COMPOSIÇÕES E  
PAISAGENS QUE AFIRMAM O DESEJO  
DE UMA VIDA BONITA**

**VITÓRIA**

**2012**

**FERNANDA VIEIRA DE MEDEIROS**

**CARTOGRAFIAS COM CRIANÇAS: COMPOSIÇÕES E  
PAISAGENS QUE AFIRMAM O DESEJO  
DE UMA VIDA BONITA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Ferraço.

**VITÓRIA**

**2012**

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

Medeiros, Fernanda Vieira de, 1976 -

M488c Cartografias com crianças : composições e paisagens que afirmam o desejo de uma vida bonita / Fernanda Vieira de Medeiros. – 2012.

115 f. : il.

Orientador: Carlos Eduardo Ferraço.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação.

1. Educação de crianças. 2. Cartografia. 3. Infância. I. Ferraço, Carlos Eduardo, 1959-. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação. III. Título.

CDU: 37

---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

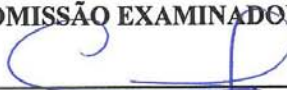
**FERNANDA VIEIRA DE MEDEIROS**


**CARTOGRAFIAS COM CRIANÇAS:  
COMPOSIÇÕES E PAISAGENS QUE AFIRMAM O  
DESEJO DE UMA VIDA BONITA**


Dissertação apresentada ao  
Curso de Mestrado em  
Educação da Universidade  
Federal do Espírito Santo  
como requisito parcial para  
obtenção do Grau de Mestre  
em Educação.


Aprovada em 31 de julho de 2012.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Professor Doutor Carlos Eduardo Ferraço  
Universidade Federal do Espírito Santo

  
\_\_\_\_\_  
Professora Doutora Janete Magalhães Carvalho  
Universidade Federal do Espírito Santo

  
\_\_\_\_\_  
Professora Doutora Maria Elizabeth Barros de Barros  
Universidade Federal do Espírito Santo

  
\_\_\_\_\_  
Professor Doutor Walter Omar Kohan  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

## AGRADECIMENTOS

Às palavras...

Aos afetos...

Bons Encontros que me abraçaram,

Canto de uma melodia... PAI, IRMÃ e sempre GABRIELA,

Amores de tantas linhas e de outros sabores.

SUSHI,

Cão fiel que late e morde meu coração com imenso carinho.

Aos Amigos... e Amigos... e Amigos...

E ao Ferraço,

Potência de um modo de pensar...

Acontecimento com suas possibilidades de vida,

Vida bonita,

Criação também do céu.

Obrigada!

*O pintor não pinta sobre uma tela virgem, nem o escritor escreve sobre uma página branca, mas a página ou a tela estão já de tal maneira cobertas de clichês preexistentes, preestabelecidos, que é preciso de início apagar, limpar, laminar, mesmo estraçalhar para fazer passar uma corrente de ar, saída do caos, que nos traga a visão.*

(DELEUZE e GUATTARI)

## RESUMO

*Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma, até quando o corpo pede um pouco mais de alma, a vida não para... Enquanto o tempo acelera e pede pressa, eu me recuso, faço hora, vou na valsa, a vida é tão rara... Como um canto à Paciência de Lenine, aos detalhes, ao despercebido, ao que produz diferença, escreve com outros arranjos, outros ritmos, outras sutis composições, versos de uma melodia-pesquisa. Possíveis atravessamentos dos encontros, das conversas, das experiências como arte de acompanhar alguns movimentos desterritorializados, rizomáticos. Escrita-trama, enovelamentos de uma cartografia. Linhas que vão e que vêm, saltam, dançam e se escondem ao gosto dos desejos, das *performances* entre entre platôs. Pesquisa engendrada com o pensamento de Deleuze e de tantos outros... Deslocamentos provocados por um voo “Plunct Plact Zum”: viagens de um *Carimbador Maluco*, música-força, pedra de toque das problematizações de uma aventura que se produziu entre o corre-corre das crianças e entre os passos dos adultos. Uma música-agenciamento, passagem de novas ideias nas linhas da produção de si. Pensamento-desejo das cartografias do território das crianças que se agenciou nos meandros da Educação Infantil. Vida bonita de um canto: *Onde é que vocês pensam que vão?* Passeia por uma geografia, espaço do “entre”, encontro céu e mar, voa-rema. Criação de mundos. Arte do pensamento. Escorrega em solo de material molar e molecular, cava algumas linhas de fuga, lapidando pedras do tempo cronológico e polindo imagens da experiência que irrompe do olhar, do sorriso, do abraço e das invenções das crianças. Por rochas e ruínas, vales e montanhas, cachoeiras de ideias, céu claro e escuro, nuvens e trovoadas, ruídos e cantos, desenha com as conversas-questões uma maneira de viver, de pensar, de se constituir humano, demasiadamente humano. Uma vida bonita entre composições e paisagens... Escrita gaguejante... outros possíveis. Será arte? Eis a questão.*

**Palavras-chave:** Cartografia. Infância. Devir.

## ABSTRACT

*Even when everything asks for a little bit more calmness. Until the body asks for a little bit more soul. Life does not stop... While time speeds up and asks for a hurry, I refuse, linger over, waltz off, life is so rare...* As a chant to *Patience* by Lenine, to the details, to the unnoticed, to what produces difference, we write with other arrangements, other rhythms, other subtle compositions, verses of a research-melody. Possible crossings at meetings, conversations, experiences as an art of accompanying some deterritorialized rhizomatic movements. A web-writing, a cartography hanking. Lines which come and go, they leap, dance and hide to the zest of willings, of performances within each plateau. Research spinned with Deleuze's and many other's thoughts... Translocations caused by a flight "Plunct Plact Zum": Trips by a Mad Stamper, strength-music, touchstone of an adventure problematizing which produced itself among children's hushing around and adults' steps. An agency-music, ticket to new ideas on the production lines themselves. Desire-thought of cartographies of children's territory which agencied itself through preschool meanders. Beautiful life of a chant: *Where do you think you are going?* We strolled across a geography, space of "midst", sky and sea meeting, flew-rowed. Worlds' creation. Thinking art. We slipped on molar and molecular soil, dugged some lines of escape lapidating gems of chronological time and polishing images of experience which outbreak the look, the smile, the hug and the children's inventions. Through stones and ruins, valleys and mountains, ideas waterfalls, clear and dark sky, clouds and thunders, noises and chants, we drew with question-conversations a way of living, of thinking, of human self making, excessively human. A beautiful life within compositions and landscapes... Stuttering writing... possible others. Is it art? That is the question.

**Keywords:** Cartography. Childhood. Becoming.



## SUMÁRIO

A VIDA NÃO PARA.....	11
COMPOSIÇÕES-PISTAS DO VOO “PLUNCT PLACT ZUM” .....	23
“EU SÓ QUERO FAZER MEU ROBÔ” .....	33
INFÂNCIA... PALAVRA QUE CANTA E PINTA DEVIRES.....	39
“SE QUISER VOAR...” .....	47
ÁGUA QUE JORRA NA LÍNGUA DAS CRIANÇAS.....	49
MOVIMENTOS DAS ZONAS DE INTENSIDADE CONTÍNUA.....	58
DESEJO DE UMA VIDA BONITA... INFÂNCIA.....	73
LINHAS DE CONVERSAS.....	76
VOO 3511: “ONDE É QUE VOCÊS PENSAM QUE VÃO?” .....	88
DE SAÍDA... UM DESPISTAR À FRANCESA: ATÉ OUTRA VEZ.....	95
REFERÊNCIAS.....	102
ANEXOS.....	106
ANEXO A: Letra da música Paciência (composição Lenine e Dudu Falcão)...	107

<b>ANEXO B: Letra da música Carimbador Maluco (composição Raul Seixas)...</b>	<b>109</b>
<b>ANEXO C: Instante (Carlos Drummond de Andrade).....</b>	<b>111</b>
<b>ANEXO D: Letra da música Vento Ventania (Biquini Cavado).....</b>	<b>112</b>
<b>ANEXO E: Fernando Pessoa.....</b>	<b>115</b>



Anita van der...  
2012

## A VIDA NÃO PARA...

*Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma, até quando o corpo pede um pouco mais de alma, a vida não para... Enquanto o tempo acelera e pede pressa, eu me recuso, faço hora, vou na valsa, a vida é tão rara... Como um canto à Paciência, de Lenine<sup>1</sup>, aos detalhes, ao despercebido, ao que produz diferença, escrevemos outros arranjos, outros ritmos, outras sutis composições, versos de uma melodia-pesquisa com atravessamentos de encontros, conversas, experiências como possibilidades de acompanhar alguns movimentos desterritorializados, rizomáticos.*

Movimentos abertos que se expandem com “[...] a função de desterritorialização: D é o movimento pelo qual ‘se’ abandona o território. É a operação da linha de fuga” (DELEUZE; GUATTARI, 1997c, p. 224, grifo do autor). Em se tratando do território, seguimos pistas de um entrelaçamento movente das linhas de desterritorialização e reterritorialização, um emaranhado de agenciamentos que, em suas conexões, puderam afirmar<sup>2</sup> a existência de uma vida bonita entre os desdobramentos cartográficos dos espaçotempos da Educação Infantil.

Em primeiro lugar, o próprio território é inseparável de vetores de desterritorialização que o agitam por dentro: seja porque a territorialidade é flexível e “marginal”, isto é, itinerante, seja porque o próprio agenciamento territorial se abre para outros agenciamentos que o arrastam. Em segundo lugar, a D, por sua vez, é inseparável de reterritorializações correlativas (DELEUZE; GUATTARI, 1997c, p. 225, grifo do autor).

Um agenciamento, “[...] estar no meio, sobre a linha do encontro” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 66). Linha que pede uma irrupção, um intervalo, um vazio e, com um pouco mais de paciência, escreve maneiras de nos situarmos no modo de existir da experiência filosófica que acontece com o “corre-corre” das crianças. Brincadeira que escorre entre pistas ziguezagueantes das formas e das forças de uma vida pintada com aquela potência do pensamento em seu estilo nômade, movente,

<sup>1</sup> Disparamos, em algumas partes do texto, diferentes entonações dos versos da música Paciência, do cantor Lenine. Ver PIMENTEL, Osvaldo Lenine Macedo. Paciência. In: **Lenine** - Acústico MTV. São Paulo: Sony BMG, 2006. 1 CD, faixa 4. Letra da música (ANEXO A).

<sup>2</sup> “Afirmar é aligeirar: não carregar a vida com o peso dos valores superiores, mas criar valores novos que sejam os da vida, que façam a vida leve e activa”. Ver DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**. Porto: Rés-Editora, 2001, p. 275-276.

desalinhado, estrangeiro: desafiante transitoriedade dos espaços, dos tempos, das crenças, com traços e aromas de uma pesquisa que abraça a filosofia do modo intempestivo nietzscheano *de como a gente se torna o que a gente é*<sup>3</sup>. Intempestivo que desestabiliza as formas vigentes e arrasta para si outros planos de composição.

Escrita-trama, enovelamentos da pesquisa que passeia por entre platôs. Planos em formação, acontecimento que se dá a conhecer por multiplicidades que “[...] ultrapassam a distinção entre a consciência e o inconsciente, entre a natureza e a história, o corpo e a alma” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 8).

Atração múltipla de dois termos em contradição: um oximoro entendido não como dualismo que inaugura o início e o fim e congela o pensamento naquilo que um é negando o outro; ao contrário, percebido como dois termos que inventam conexões, provocam torções na linguagem feita de outros possíveis. Um termo atuando no outro, entre formas de uma criação paradoxal.

Tensão das perguntas, das respostas, das conversas que atuam em uma trama de fragmentos. Abertura do que pode ser pensado. “É na tensão da contradição entre os dois extremos que algo nos força a pensar, nos faz perceber o sentido e o valor de pensar algo não-pensado. E, assim, pensamos como quem caminha sobre um fio composto pela consistência e pela contradição” (KOHAN, 2007, p. 88).

Entramos e saímos com os versos de Fernando<sup>4</sup>: *“Eu só quero fazer meu robô”*. Outros modos de se comunicar com expressões em fuga, com linhas de existência traçadas no *plano de composição que constitui platôs (Zonas de Intensidade Contínua – ZIC)*<sup>5</sup>. Composição dos movimentos, dos gestos, dos silêncios, das paisagens, que nos pede no meio da diferença uma escuta atenta.

Nos fios de cada platô, enrolamo-nos e puxamos algumas *ZIC*: produções cartográficas desenhadas com conversas, com imagens, com fragmentos de ideias, com versos-questões que podem partir entre mundos possíveis... “[...] partir, se

<sup>3</sup> Ver NIETZSCHE, Friedrich W. **Ecce Homo**: de como a gente se torna o que a gente é. Porto Alegre: L&PM, 2010a.

<sup>4</sup> Os nomes/personagens que chegam com a composição desta escrita atuam como ficção de um abecedário de alguns amigos do mundo do cartógrafo. Meio de dispersar o sujeito, o aluno, o próprio. E, talvez, uma forma de trazer, com os nomes das pessoas ausentes da ação cartografada, uma presença inventada.

<sup>5</sup> Ver DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 1995.

evadir, é traçar uma linha” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 49). Linha que se aventura em fuga. Traços ziguezagueantes das experiências.



Com os platôs desta pesquisa, escrevemos encontros e aprendemos com o *meio*, o *entre*, que extrai um pouco mais dos problemas-questões, dos afetos, das conversas. Uma cartografia, um rizoma que “[...] compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado,

significado, atribuído, etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 18). Linhas que estão a correr pelos possíveis desenhos das paisagens do território da Educação Infantil, estendendo-se e esticando-se pelos versos produzidos com a experiência de uma vida que não para. Linhas que vão e que vêm, saltam, dançam e se escondem ao gosto dos desejos, das intensidades entre platôs.

É que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas margens e adquire velocidade no meio (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 37).

Com *um pouco mais de calma nos* escrevemos, *expomos nossas* experiências, inventamos a cada instante uma forma de aprender-professora, de deixar transbordar infância. Aposta da diferença. Mapas traçados nas entrelinhas das produções e das problematizações do tempo duração. “A duração é o progresso contínuo do passado que rói o porvir e incha à medida que avança. Uma vez que o passado cresce incessantemente, também se conserva indefinidamente” (BERGSON, 2006, p. 46). Experiência do instante. Tempo que produz deslocamentos, outros de nós.

Estilo que evoca um nomadismo, passear entre as formações geográficas, viver descolado deslocando-se por tantos lugares. Um mover-se pelos espaços criados pelo movimento da vida arriscando-se um pouco mais. Marcas e tons de mudanças, cores de incertezas, coisas que levamos a bordo e coisas que deixamos em terra firme, e tantas mesmas coisas que trazemos no coração e no pensamento, no jeito de falar, de olhar, de sentir. Processos de vida, forças que provocam inquietações, implicações, decisões, apostas.

Diferentes intensidades e variadas manobras das paisagens-experiências que constituem os efeitos de uma vida que se amplia com as produções de *como a gente se torna o que a gente é*.

Voo que segue no rastro de uma viagem em nós, em tantos de nós. Outros de nós. Escrita-fragmento de uma história em mim. Fragmento que vive da intensiva relação

com o improvável, com os desvios do acaso, com as rupturas que deixam vazamentos, brechas, outros possíveis, um meio de se permitir furar as totalizações bem como passar pelos intervalos e pelas aberturas das linhas de multiplicidade da constituição do pouco de si de cada experiência.

No meio, *intermezzo* desta escrita-fragmento, espaço do *entre*, trazemos também imagens, letras de música, versos de poesia e entonações ritmadas, devaneios dançantes das palavras que podem fazer alguma coisa sair dos eixos. Esses elementos atuam como possíveis personagens de uma trama e como disparadores que agenciam sentidos. Elementos produzidos nas “tocas”, nos subterfúgios, no que ainda pode ser visto, ouvido, sentido, silenciado.

Uma experiência que retorna com intensidades e afecções em alguns títulos inseridos nas imagens selecionadas e que de algum modo estão borrados com a expressividade das cores, dos sabores, das emoções vividas pela cartógrafa. Cartografias de uma relação com o pensamento que afirma: “[...] as coisas só começam a viver no meio” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 68). As coisas pedem vida no conjunto de nossa existência.

Com a música e com os versos poéticos, fizemos um encadeamento de linhas que, em suas composições, puderam pintar uma vida bonita. Pintura com sentido cortante e desmedido de uma escrita-experiência. Escrita-verso que versa, inversa, subversa. Um verso menor no poema maior, acontecimento que se dá com conversas de um verso. Pensamento em conversa: O que pode um verso? Experimentamos um chamado, uma parada, uma escuta que se compõe com *um pouco mais de calma*.

Pensamentos de versos. Versos de *dez linhas* em rizoma, *enrizomados*, podendo ser sempre mais de dez. Potência inventiva de mundos escritos em algumas e em tantas boas conversações. Versamos então com Rilke (2009, p. 19), deixando passar afetos, sons, sombras, fulgurações de desejos nas linhas de composição desta pesquisa.

Deveríamos esperar para escrever, e juntar senso e doçura por uma vida inteira, longa, se possível, e então, bem no fim, talvez pudéssemos escrever dez linhas que fossem boas. Pois versos não são, como pensam as pessoas, sentimentos (deles temos o bastante na juventude) – são



experiências. Por causa de um único verso é preciso ver muitas cidades, pessoas e coisas, é preciso conhecer os animais, é preciso sentir como os pássaros voam e saber com que gestos as pequenas flores se abrem pela manhã. É preciso ser capaz de recordar caminhos em regiões desconhecidas, encontros inesperados e despedidas que vemos se aproximar por longo tempo – dias de infância, ainda inexplicados [...].

Desejo-verso dos passeios de uma escrita-paciência, abraço do *bom encontro*, “[...] aquilo que aumenta ou diminui, estimula ou refreia nossa potência de agir. Assim, é à medida que percebemos que uma coisa nos afeta de alegria ou de tristeza que nós a chamamos de boa ou de má” (SPINOZA, 2011, p. 163). Encontro com o livro, com a arte, com o timbre das pessoas. Um pouco do que nos pode dar o silêncio, o cafezinho, o samba, o entardecer, o passeio com o cão.

Nas composições dos elementos de uma escrita intensiva (imagens, poesia, música, pintura), há um espaço intervalar que talvez suscite em outros olhares uma proliferação de outros sentidos, que podem ser produzidos com outros encontros, desejos outros, novos. Convite aberto, espalhado de visibilidades, que cada um atribui e faz ver em suas relações. Outras leituras. Convite das palavras para outros leitores desta pesquisa.



*O mundo vai girando cada vez mais veloz. A gente espera do mundo e o mundo espera de nós. Um pouco mais de paciência... Experiência enlaçada com os fios de*

uma trama-escuta que pede um pouco mais de calma, atenção e cuidado. Vibrações entre-momentos, entre-tempos condensados, expirados, irrigados e abertos aos possíveis desejos de outras expressões. Desenho de uma vida que pulsa outras linguagens e se prolonga no meio. Combinações dos elementos com suas velocidades díspares e com seus tons de palavras indizíveis para um único dizer.

Mundo pensado, vivido, sentido. Formas de produzir paisagens de um devir-mundo. Criação de mundos que pode fazer a vida mais leve e mais bonita, humana, demasiadamente humana.

Mas é isto que significa o vosso desejo de verdade: que tudo se transforme no que pode ser humanamente pensado, humanamente visto, humanamente sentido! Deveis pensar, até o fim, os vossos próprios sentidos!

E aquilo a que chamais mundo, é preciso, primeiro, que seja criado por vós: é isto o que a vossa razão, a vossa imagem, a vossa vontade, o vosso amor devem tornar-se! E, na verdade, para a vossa felicidade, vós que buscais o conhecimento! (NIETZSCHE, 2010b, p. 114).



*Cartão Postal - 3.ª ponte  
Entre Vitória e Vila Velha (ES) - passagens, transições, atravessamentos...  
criação de mundos... cartografias do desejo...*

Uma infância com suas questões e com seus desdobramentos envolve temporalidades inscritas no processo de constituição de si, de *como a gente se torna o que a gente é*. Maneira de dizer com o *ethos* que nos transforma, nos revoluciona. Uma atitude de vida, nomadismo que se aventura por deslizamentos, por lugares cambiantes, inevitavelmente inseguros, incertos; espaços também de algumas emboscadas que exercitam o pensamento, incitam outros olhares; espaços de desestruturações e possíveis desterritorializações. Fronteiras!

Experiência engendrada com as possibilidades de transformação das formas e das forças de existência que mexem com o solo das convenções totalitárias e dos determinismos pedagogizantes do território da Educação Infantil e assim produzem multiplicidades, outros modos de ser, que convivem, coexistem, estão entre, ampliam e expandem o desejo de uma vida bonita.

Uma vida bonita, *vida cheia de vida* (LARROSA, 2008) que pode ser inventada nas entrelinhas, nos espaços intervalares, nas superfícies porosas, permeáveis, em que a imprecisão incita rupturas, desvios, resistências, outras conexões.

Penso ser produtivo, ao repensar os modos correntes de conceber a infância e os paradoxos que encontro nos discursos que dela falam – que a veem como um tempo de liberdade, como um mundo quimérico, puro, inocente, encantado, natural, feliz, mas ao mesmo tempo anárquico, selvagem, insondável – descrever como vieram se gerando tais discursos [...] (BUJES, 2002, p. 26).

Vale evidenciar que tais discursos recordam uma visão dualista e antagônica presente na Educação Infantil e na Educação como um todo para valorizar uma coisa ou outra. Como diria Cecília Meireles com sua poesia *Ou isto ou aquilo: ou se tem chuva e não se tem sol...* distâncias climáticas e fundamentalistas que se apoderam do terreno da escola e limitam a produção do conhecimento, definindo estigmas educacionais essencialistas, ou do sujeito ou do objeto, ou do corpo ou da alma, ou do científico ou do cultural, ou disto ou daquilo.

Com o pensamento de Bujes, experimentamos algo que sublinha uma problematização nos regimes de verdade e nos paradoxos que, longe de estarem em um polo, se encontram lado a lado, ao mesmo tempo, nesse terreno do puro e do selvagem, do inocente e do insondável, disto e daquilo, maneira de esperar o

arco-íris com a chuva e com o sol. Arco-íris de uma vida de cores intensas, observação possível entre o que outros sentidos possibilitam ver, entre o que aparentemente se desmembra, é sutil, vive para além do bem e do mal e mais próximo do encontro, da relação entre tudo ao mesmo tempo.

Força da vida que escorrega entre posições, categorias, exemplos. Um possível colorido de outros modos de existir. Um deixar de ser o que se é para ser outro. Assim, a ordem das coisas não assume o lugar da certeza, do ideal, da exclusividade de um único significado, preso à jaula/grade do saber dominante; ao contrário, afirma uma experiência com o inesperado, acontecimento que libera a vida do formato vertical/horizontal de ser e expõe um cuidado, um devir transversal sem prevalência do maior para o menor; do centro para a periferia; do que sabe para o que não sabe. Experiência-Encontro.



*Cores de uma vida...*

Contornos e voltas, múltiplas entradas e saídas, “altos e baixos”, diversas possibilidades dos territórios labirínticos para se pensar a potência da experiência e também para poder cantar *Será que é tempo que lhe falta para perceber? Será que*

*temos esse tempo para perder? E quem quer saber? A vida é tão rara, tão rara... Vida do cotidiano, singularidades, instante de uma vida intensa de constelações de palavras-tempo inscritas no como a gente se torna o que a gente é.*

Tempo. Encontro das palavras *Chrónos* e *Aión*. Por ser *Chrónos*, o tempo é o presente, o único que existe e se prolonga em passado e futuro. Ele é o movimento regulado dos presentes vastos e profundos (DELEUZE, 2003). Como tempo que classifica, é terrificante, opera de modo parcial, é inseparável dos corpos e é apenas um tempo em que a consciência absorve, o tempo cronológico, pertencente de um presente, de um passado e de um futuro contínuo.

*Aión*, tempo da vida que passa e chega a cada instante, coloca-nos em um lugar desterritorializado, sinuoso e envolvido de acasos, ou seja, um tempo de duração deslizante, como uma perturbação que provoca o limitado presente a um voo: lançar-se para o infinito, para a eternidade, em uma aventura que furta o presente totalizante dos tempos e o conduz a uma temporalidade mais profunda, fugidia, a um mundo novo de um tempo que insiste em morrer.

Segundo *Aión*, somente o passado e o futuro insistem ou subsistem no tempo. Em lugar de um presente que absorve o passado e o futuro, um futuro e um passado que dividem a cada instante o presente, que o subdividem ao infinito em passado e futuro, nos dois sentidos ao mesmo tempo (DELEUZE, 2003, p. 169).

*Tempo, tempo, tempo... Aión é assim, povoado de efeitos, capta os sons dos acontecimentos incorporais. Pura forma vazia do tempo, de modo que “[...] não é mais o futuro e o passado que subvertem o presente existente, é o instante que perverte o presente em futuro e passado insistentes” (DELEUZE, 2003, p. 170). O instante, um vazio que se dá a existir, tempo fugaz e intenso. Tempo de outra duração.*



Becos estreitos de saídas improváveis, desejo revolucionário capaz de arrastar para si o pensamento-invenção e a vida como obra de arte. Aberturas, fissuras nas ideias sistematizadas da escolarização cronológica, ritualizada, disciplinar, até então entendida. Estilo que se desenha com a pesquisa a partir do encontro (des)marcado pelas tantas idas e vindas (e tantas ainda) com o pensamento de Deleuze e de Foucault, e de tantos outros... para engendrar os fios que se plugam na trama de uma experiência conectada à Filosofia da Diferença e à Estética da Existência.



## COMPOSIÇÕES-PISTAS DO VOO “PLUNCT PLACT ZUM”

“Raul Seixas... meu pai falou que ele é um bruxo” (Giovana).

Por ora, iniciamos um voo, matéria de expressão cartográfica que suscita em nós algumas possibilidades de extensão e também de pousos, paradas, olhares, seguidos sobrevoos, deslocamentos pelas paisagens da configuração do cotidiano das crianças e dos adultos, de suas invenções, acenando em cada encontro uma atenção à espreita, que desconfia. “Voos e pousos conferem um ritmo ao pensamento, e a atenção desempenha aí um papel essencial” (KASTRUP, 2010, p. 35).

Momentos de aproximações e de distanciamentos entrelaçados pela diferença e pela arte de desenhar a infância com a multiplicidade de elementos que compõem inúmeros sentidos, histórias, cantos, silêncios, cores, cheiros, diversos sabores. Elementos da cartografia que criam outro estilo traçado e ritmado com o desejo de entoar um verso, uma melodia, ou de talvez, apenas, sussurrar que *ando à procura de espaço para o desenho da vida* (MEIRELES, 2010, p. 44)



Kandinsky. *Composição IV*, 1911.



Desenho que se compõe com versos de um mundo que pode ser criado. Ouvimos de Giovana: “*Raul Seixas... meu pai falou que ele é um bruxo*”. Versos que viajaram com o clip da música *Carimbador Maluco*, de Raul Seixas<sup>6</sup>, e nos trouxeram algumas pistas do sentido de conversa traçado nas linhas desta pesquisa. Uma conversa-questão, escrita com fragmentos de ideias, reticências de outros possíveis que nos interpelam.

Uma conversa inspirada talvez entre pai e filha, entre ser e não ser, entre o que um *bruxo* também pode problematizar no pensamento de um mundo explicativo, com suas “armas”: *tem que ser selado, registrado, carimbado...* e no de um mundo da experiência, com suas “afecções”: *aventura como essa eu nunca experimentei...* Armas-afecções podem reviravoltar-se de possíveis. Uma viagem do voo 3511 que decola no território do CMEI “Plunct Plact Zum”<sup>7</sup>.

Viagem dos movimentos da infância, do acontecimento e do encontro, que inscrevem na composição da vida modos de ser e de agir, um estilo de escrever com a potência do devir. “Um encontro é talvez a mesma coisa que um devir ou núpcias” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 14). Encontros sempre *fora e entre*. Jeito de dizer acerca da exterioridade e da relação, formas de traduzir os desvios, aquilo que corre, escapa, algo que não é imitação nem fazer como, muito menos ajustar-se ao modelo.

O pensamento acerca da exterioridade produz uma relação que se estabelece com o *fora*, com o acaso, produz conexões. Um pensamento que desarticula funções estruturadas, significados fundamentalistas, e inventa problemas, alimenta-se do novo, do não pensado, da arte dos acontecimentos, que é o sentido do pensamento.

O acontecimento se relaciona aos estados das coisas, mas como atributo lógico destes estados, completamente diferentes de suas qualidades físicas, se bem que ele lhes sobrevenha, neles se encarne ou neles se efetue. O sentido é a mesma coisa que o acontecimento, mas desta vez relacionado às proposições (DELEUZE, 2003, p. 171-172).

<sup>6</sup> Acompanhar os movimentos e as possíveis problematizações da música *Carimbador maluco*. SEIXAS, Raul. **Álbum**: o carimbador maluco. São Paulo: Gravadora Eldorado, 1983. Ver ANEXO B: Letra da música – pistas da nave “Plunct Plact Zum”. Desejamos a todos uma boa viagem.

<sup>7</sup> Título dispositivo para um Centro Municipal de Educação Infantil de Vitória que agencia diferentes modos de vida no cotidiano da pesquisa cartográfica.

Pensar com ideias que insistam no novo, na diferença, na multiplicidade. Ideias que escapem dos universais, embora não estejam livres deles. Por isso os problemas colocados aqui pelos fluxos de desterritorialização buscam resistir à posse reflexiva e explicativa do modelo científico hierárquico para transitar em uma geografia do *entre*, dos processos de vida que coexistem em dois espaços.

Portanto, de modo geral, a geografia deleuziana estabelece duas dimensões, ou melhor, dois espaços: o espaço da imagem do pensamento, que é dogmático, ortodoxo, metafísico, moral, racional, transcendente...; e o espaço do pensamento sem imagem, que é pluralista, heterodoxo, ontológico, ético, trágico, imanente... (MACHADO, 2009, p. 26).

Dois espaços paradoxalmente produzidos em contextos próprios, vividos em um tempo de possibilidades, de um possível, pois a vida oscila entre o estabelecido e o que se estabelece, entre o realizável e o infinito, entre ficar e partir, perdendo-se em diferenciadas conexões. Importa tender ao que se expande, se amplifica, que não se esgota, não se limita, nem pode ser determinado apenas por alguma representação. É um pensamento em luta com as forças externas, pensamento nômade, contrapensamento, experiência que ultrapassa, se estende, produz deslocamentos.

Estilo inventado com a multiplicidade de ideias, encontros, conceitos, pessoas, conversas, potência de uma vida bonita e do acontecimento que desenha a atitude filosófica desta escrita e povoa a arte de enunciação da diferença: “Os modos de vida inspiram maneiras de pensar, os modos de pensar criam maneiras de viver. A vida activa o pensamento e o pensamento, por seu lado, afirma a vida” (DELEUZE, 2007, p. 18).

Tantos encontros desta pesquisa se dão com o pensamento que se aventura em uma produção de *ideias criadoras* (DELEUZE; GUATTARI, 1997a). Pensar o próprio pensamento, um estilo intenso e múltiplo de habitar diferenciados sentidos dos espaços dos cotidianos. Pensamento-conversa como conceito que tem “[...] um contorno irregular, definido pela cifra dos seus componentes” (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 27).



*Há lugares e lugares...*

Maneiras de tornar de novo o pensamento possível, com uma vontade política que suscita muitas vezes a indiferença. “É que não pensamos sem nos tornarmos outra coisa” (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 59). Sendo assim, pensar é resistir, torna-se uma aposta, uma vontade-força de existir, como escrevem Deleuze e Guattari (1997c, p. 48):

Um pensamento às voltas com forças externas em vez de recolhido numa forma interior, operando por revezamento em vez de formar uma imagem, um pensamento-acontecimento, “hecceidade”, em vez de um pensamento-sujeito, um pensamento-problema no lugar de um pensamento-essência ou teorema, um pensamento que faz apelo a um povo em vez de se tomar por um ministério.

Um modo de ser que nos desloca para lugares movediços bem como para processos de produção de sentidos, modos de subjetivação, “[...] a maneira pela qual a relação consigo, por meio de certo número de técnicas, permite constituir-se como sujeito de sua própria existência” (REVEL, 2005, p. 82) e também nos aproxima de uma multiplicidade de vidas, de conjugações e de arranjos, que rasga o pensamento essência e natureza do uno e do soberano sujeito dono de si.

Pensamento que enuncia outra condição de si. Infância que é devir, acontecimento. Pensamento às voltas com os espaços então produzidos pela vida, que também nos

interroga, nos inquieta, nos provoca com seus relevos, seus estratos, suas linhas, suas fronteiras. Uma configuração geográfica, maneira de pensar um pensamento labiríntico, considerando espaços de fluxos e de forças que enfrentam as delimitações, as retas, a entrada que leva a uma saída e inventam acidentes, brechas, vazamentos, ondulações, inúmeras entradas e diferentes entrelaçamentos que se comunicam e se conectam com variadas saídas. Espaços como territórios de elementos da composição da cartografia da vida e do pensamento: “[...] um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem” (ROLNIK, 2007, p. 23).



*Mas ora, vejam só...*

Viagens de um *Carimbador Maluco*, música-força, pedra de toque das problematizações da experiência-aventura que aquece e resfria, reúne e dispersa, cria encontros e compõe platôs – *ZIC*. Uma música-agenciamento que escreve

outras e novas ideias nas linhas-possibilidades da produção de si, com suas variações de graus, extensões de maneiras de pensar. Voos e sobrevoos entre versos de uma melodia desafiante, incerta, insegura, lançada entre planos improváveis de um mundo que pinta devires, modos de existência. Então, uma atitude, um desejo, nos atravessa – cartografar o território da infância que se agencia nos meandros da Educação Infantil do CMEI “Plunct Plact Zum” em conexão com o encontro e com o acontecimento produzidos nos espaços descontínuos da multiplicidade de sentidos de uma vida bonita.

No encontro com ideias, afetos, silêncios, sensações... escrevemos um modo de pensar e de viver. Experiência de um mundo que pede outra leitura com o que produz diferença. Espaço intersticial do devir que estraçalha a forma dada, consolidada.

Experiência entendida como uma expedição em que se pode escutar o “inaudito” e em que se pode ler o não-lido, isso é, um convite para romper com os sistemas de educação que dão o mundo já interpretado, já configurado de uma determinada maneira, já lido e, portanto, ilegível (LARROSA, 2010, p. 10-11).

Devir-criança, movimento interminável, velocidades e lentidões que tornam visíveis coisas não percebidas, acontecimento de virada, de racha, meio derrubador das certezas, dos modelos estáveis, sendo impossível andar por direções únicas, universais, totalizadoras, ainda tão presentes no manual prescritivo da escola.



*O “palco” pode ser em cima e embaixo... entre tantas e outras performances...*

*Onde é que vocês pensam que vão?* Uma viagem entre crianças e adultos, alunos e professores, paisagens e rituais; entre personagens de línguas diferentes, com formas e forças do mundo da ordem e do caos; entre cópia e simulacro, história e devir, diferença e repetição, desenvolvimento e experiência. Encontro de algumas possibilidades dos voos agenciados com a trama da produção de si que decolam entre territorializações e desterritorializações. Vida dos paradoxos.

A manifestação da Filosofia não é o bom senso, mas o paradoxo. O paradoxo é o *pathos* ou a paixão da filosofia. Há ainda várias espécies de paradoxos que se opõem ao bom senso e ao senso comum, estas formas complementares da ortodoxia. Subjetivamente, o paradoxo despedaça o exercício comum e põe cada faculdade diante de seu próprio limite, diante de seu incomparável, o pensamento diante do impensável que, todavia, só ele pode pensar, a memória diante do esquecimento, que é também imemorial, a sensibilidade diante do insensível, que se confunde com o intensivo... Mas, ao mesmo tempo, o paradoxo comunica às faculdades despedaçadas uma relação que não é de bom senso, situando-as na linha vulcânica que queima uma na chama da outra, saltando de um limite a outro. Objetivamente, o paradoxo faz valer o elemento que não se deixa totalizar num conjunto comum, mas também a diferença que não se deixa igualizar ou anular na direção de um bom senso. É com razão que se diz que a única refutação dos paradoxos está no bom senso e no senso comum; mas com a condição de que já lhes seja dado tudo, o papel de juiz e o de parte, e o absoluto e a verdade parcial (DELEUZE, 2006, p. 320-321).

Devir-pesquisa engendrado com paradoxos-rizomas. Trama da composição das ZIC desse CMEI em que desenhamos conversas, movimentos, paisagens e criamos<sup>8</sup> entre os deslocamentos de tantos personagens espaços de parada, de escuta, de amizades, um desejoso filosofar abraçado com a potência que a vida traz em si. Desdobramos o olhar, dobramo-nos naquilo que puxa outra condição de infância, outra atenção, outra experiência-diferença.

Uma escrita “Plunct Plact Zum” pode viajar e partir sem problema algum? O que pode um problema? Que experiências cartográficas desenham a constituição do devir-criança e da vontade de potência no relevo acidentado das relações de controle e resistência? Os conceitos de Deleuze afetam a existência de uma vida

---

<sup>8</sup> Criar – aprendizagem inventiva: “A invenção é sempre invenção de novidade sendo por definição, imprevisível. [...] em sentido forte, é sempre invenção de problemas e não apenas a invenção de solução de problemas”. Ver KASTRUP, Virgínia. Aprendizagem, arte e invenção. In: LINS, Daniel. **Nietzsche e Deleuze: pensamento nômade**. Fortaleza, CE: Secretaria da Cultura e Desporto, 2001, p. 208.

bonita. Em que sentido eles atuam e compõem as paisagens produzidas no território da Educação Infantil?

Voos em questão. Desterritorializar é preciso. Entrar no voo 3511 insere na pesquisa uma atitude que não defende um único lugar de chegada. Por isso “Plunct Plact Zum” não vai a lugar nenhum com um só destino. Experiência de não querer chegar ao lugar determinado, mas continuar sempre viajando, sem o rumo certo da certeza! Como os nômades, não ter um lugar, o lugar definido; ao invés, experimentar lugares, transitar entre muitos lugares.

Experiência de uma atração para o acontecimento de tantas interrogativas e de outras aventuras com suas turbulências. Viajar... sair por aí, embarcando nos sinais, nas pistas, nas *performances* das conversas de uma trama cartográfica. Maneira de escrever com o território da Educação Infantil, com os agenciamentos que ativam modos de existência, resistência, possibilidades de vida. Assim, constituindo-se de cartografias e conversas, a trama do CMEI “Plunct Plact Zum” viaja entre as formas e as forças do plano movente da produção de uma vida bonita.

[...] a infância não como aquilo que olhamos, senão como aquilo que nos olha e nos interpela. A infância entendida como o outro que nasce e que é aquilo que, ao olharmos, nos coloca em questão, tanto em relação àquilo que somos quanto em relação a todas essas imagens que construímos para classificá-la, para excluí-la, para nos protegemos da presença incômoda, para enquadrá-la em nossas instituições, para submetê-la às nossas práticas e, no limite, para fazê-la como nós mesmos, isso é, para reduzir o que ela pode ter de inquietante e de ameaçadora (LARROSA, 2010, p. 16).

Cada encontro inventa mil paisagens, ou seja, estilos de ser, ideias criadoras com diferentes traços, formas, nuances da vida, do tempo, da infância, que acontece sempre no meio, *intermezzo*, movimento rizomático, escrito também como *slogan* (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 15): “[...] sempre n-1 (é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele)”. Rizoma, conexões de diversificadas linhas, expansão, picada, mexe e remexe, aciona multiplicidades, não tem início nem fim. Estilo que se aventura no desejo de afirmar a existência de uma vida bonita.

Uma vida bonita, em sua potência, desencadeou nossa mais intensa problemática. Suas surpresas, criações e seus desafios incitaram-nos a pensar os movimentos

agenciados com o deslizar da infância-experiência-encontro. Entrelaçamentos da diferença e do estilo de produção da vida como obra de arte, um desenho-pintura com temporalidades que escaparam das rígidas formas de aprisionamento da condição sujeito de ser e potencializaram outros sentidos, além dos já emblemáticos da Educação Infantil.

Infância no *meio* dos espaços descontínuos da multiplicidade e dos processos que constituem o desejo de uma vida bonita. Um modo de ser, uma atitude política que nesta pesquisa se envolve com a produção de Foucault acerca da estética da existência, ou seja, uma maneira de liberar o pensamento como ética e liberdade e de permitir fissuras nos relevos controlados e hierarquizados do território da Educação Infantil, acreditando em um estilo movente, modular, das problematizações: “[...] se permitiria que as pessoas tivessem a possibilidade de se determinar, de fazer – sabendo tudo isso – a escolha de sua existência” (FOUCAULT, 2006a, p. 290). Um estilo possível de se pensar em meio a tantos modos de ser e de agir.

E aí a liberdade já não está do lado de um sujeito que se constitui como tal na autoconsciência e na autodeterminação, mas, justamente, na transformação poética dessa forma de subjetividade. Ademais, trata-se de uma liberdade que não se dá agora na história, mas na interrupção da temporalidade linear e cumulativa da história, isso é, na descontinuidade, na fissura (LARROSA, 2009, p. 70-71).

Fissura. Outros modos de existência produzidos quando se efetua o possível, não uma mera alternativa possível (*a priori*, uma “carta na manga”). “O que é possível é criar o possível. [...]. O possível chega pelo acontecimento [...], não é uma realização de um possível, mas uma *abertura do possível*” (ZOURABICHVILI, 2000, p. 335, grifo do autor). Um *novo* que nos assalta, exprime diferença, arranca do acontecimento miríades de vida, nos faz outros, evoca uma maneira de ser afetado.

O estudo entrelaça os emaranhados de fios da cartografia que se configura com a vontade e o desejo de fazer da vida obra de arte, uma *tékhne* da existência, como um exercício de si, uma relação de si consigo, como nos lembra Foucault (2006b, p. 543): “Para um grego, a liberdade humana encontra sua obrigação não tanto ou não apenas na cidade, não tanto ou não apenas na lei, tampouco na religião, mas na *tékhne* (esta arte de si mesmo) que nós mesmos praticamos”. Fios também que



propagam a potência do pensamento-rizoma, maneiras de desenhar uma paisagem do território da infância que insistem na produção da filosofia da diferença.

Enrolar-se na teoria das multiplicidades, uma produção com linhas de ação da diferença: “[...] essas linhas, enquanto fluxos intensivos e enquanto portadoras de potências expressivas e interrogativas, vivem num constante estado de experimentação [...]” (ORLANDI, 2000, p. 49). Sendo assim, afetamo-nos de Pesquisa-Diferença. Um modo filosófico de pensar que se dá com o acontecimento, força intempestiva do encontro, do estilo improvável e inventivo de outras temporalidades. Desterritorializações que se misturam com a pintura do devir. Uma pintura que não se revela, não é linear, não instaura o começo nem o fim, apenas evoca o *entre* da questão, enunciações do descontínuo e do deslizante corre-corre das crianças.



## “EU SÓ QUERO FAZER MEU ROBÔ...”

Conversas e fabulações. Confabular e arriscar o pensamento em um pensar concentrado de ideias. Assim, entramos no processo de uma escrita que, como “[...] função fabuladora, não consiste em imaginar nem em projetar um eu” (DELEUZE, 1997, p. 13). Fabulações operam com visões e audições do processo que se constitui na produção da linguagem, em uma trama de acontecimentos.

Encontro com o Grupo 6<sup>9</sup>. Crianças rodeavam-nos. Questões agitavam-nos. Vontade de saber o que elas responderiam para a pergunta: O que você pensa da vida? Para não dizer o que é a vida (que, no fim, parece não ter mudado muita coisa). Intenções “para”... respostas “para”, poderosa conclusão que anseia por explicar tudo. Porém, uma vida evapora-se das respostas prontas, faz outras questões para aprontar com o esperado.

Para começo de conversa, usamos um fantoche como estratégia de arrancar das crianças algumas ideias. O fantoche como personagem das indagações. Encontro que ficou sem eco, sem palavras, por um bom tempo em nossa escrita. Não sabíamos ainda o que fazer com os efeitos do corte produzido no rompimento das intencionalidades demarcadas de saber *o que é*, saber camuflado em *o que você pensa da vida?* Corte feito no pensamento que esperava respostas.

As ideias das crianças foram ditas. Palavras que, sem sabermos por que, não alcançavam a intensidade de uma vida bonita. Não abriam ainda algumas composições. Ficaram apenas anotadas no papel e na latência do pensar. Na distante questão do que você pensa da vida, ouvimos: “*Gosto de passear*”; “*Brincar na escola*”; “*Brincar no pátio*”; “*Tomar banho de piscina...*”. Pergunta que parecia não nos trazer o possível da experiência que irrompe, talvez porque mensurasse algum fundamento na cabeça da pesquisadora. Então, o pensamento provocava-nos e

---

<sup>9</sup> As turmas são denominadas por grupos. No turno vespertino, as crianças estão presentes do GRUPO 1 ao GRUPO 6. Cada grupo é definido de acordo com a data de nascimento. Sendo assim, no Grupo 6, as crianças completam 5 anos até 1.º de abril de 2012 e 6 anos até 31 de março de 2013.

alertava-nos com outras questões... Um possível que se cria deve estar um pouco mais distante do sentido utilitário das coisas...

Tempo-duração. Idas. Voltas. Re-voltas. Retorno a um outro. Parada. Metamorfoses. Criança. Pergunta que nos calou por um bom tempo no mesmo lugar: “*O que você pensa da vida? É que não somos desse mundo...*” Por várias vezes essa pergunta rolou na “boca do fantoche/pesquisadora”... sem nenhum desvio... e as respostas de algum modo nada inventavam. Quando, sinistramente, Fernando retrucou: “*Vocês são de que mundo?*”

Devir, oh! devir. Rasga com a ordem confortável da pesquisadora que faz a pergunta. Sentimo-nos medíocres... porém, convocados ao novo, maneira de sair de onde estamos. Essa volta problematizadora trouxe uma atitude que ataca a condição fincada na resposta que há neste mundo dito das certezas e revira as projeções do Ser superior que pensa já saber. Rebatidos com a pergunta que nos pergunta, vocês são de que mundo?!, sentimos esse mundo como já feito. Daí, o que uma vida bonita tem com isso? Quem somos? Idealistas esperando a resposta encaixada de um mundo que não nos pertence?

Outras conversas com esse corte-questão lançaram-nos em seguida a uma experiência de criança. Cartoversar ideias de Fernando, criança que versatiriza com tanto estilo: “*Eu só quero fazer meu robô*”. Ideias versáteis que fazem cair as definições “para” o objeto da pesquisa, deixando em pé apenas algumas possibilidades de vasculhar aquele “apetite de vida” (CARVALHO, 2009) desenhado com um potencializador verso de criança.

Tempo em tanto tempo. Escrevemos com ideias esquecidas, mas não deixadas. Ressonância do tempo-alerta, vibrações de um retorno, que chamou o pensamento para pensar a mesquinhez da nossa razão-Ser, que é insistente em se esconder do Outro. Abrir espaço, então, na maneira de indagar *como a gente se torna o que a gente é* expressa uma operação de muitos cortes, torções, brechas, movimentos de alteração do que se diz de essencial, único e específico de um verdadeiro eu.

Intrigada com as idas e vindas das conversas “Plunct Plact Zum”, sentimos de outra maneira, meio distraída, os efeitos do verso “*Eu só quero fazer meu robô...*”

Distração e não dispersão. Distraidamente o pensamento vagueia, experimenta uma errância, escapa do cronológico e agarra-se ou concentra-se no que está fora de lugar, talvez por não determinar o que pensar (KASTRUP, 2007). Deixar pensar com as invenções das crianças remexidas de desejos e expostas ao movimento que atua na intensa arte de cartoversar.

*Sentir é estar distraído* (FERNANDO PESSOA).

Fazer uma parada, reiniciar com paciência a produção de dados da pesquisa que, em suas linhas, conectam diferentes momentos dos desejos da cartógrafa, das crianças, do pensamento. Logo, nas retrucadas do acaso há uma força de operação que desarticula o pensamento do *Mesmo*, desconcerta a ordem dada, desmancha mundos e nos desafia a pensar algumas recordações inspiradas mais uma vez no processo de invenção da vida, quando, no meio de tudo, um verso sai e se espalha em tantos outros sentidos.

Mas ainda não basta ter recordações. É preciso ser capaz de esquecê-las quando são muitas, e é preciso ter grande paciência de esperar que retornem. Pois elas ainda não são as recordações mesmas. Apenas quando elas se tornam sangue em nós, olhar e gesto, anônimas e indistinguíveis de nós mesmos, só então poderá acontecer que numa hora muito rara se levante e saia do meio delas a primeira palavra de um verso (RILKE, 2009, p. 20).

Recordações que ficaram no plano das interrogações... O que fazer com isso? Esquecidas por um tempo... modificadas em um casulo de possibilidades, tornando-se questão. No jogo das conversas com as crianças do Grupo 6 do CMEI “Plunct Plact Zum”, algumas ideias ficaram só anotadas/agendadas no diário de viagem, como, por exemplo, o verso “*Eu só quero fazer meu robô*”, talvez porque eram muito sem pé nem cabeça. Mas como expressar o que não sabemos dizer? Ideias que romperam com o nosso roteiro de perguntas. Literalmente rasgamos as palavras (repicamos as folhas dessas anotações) e lançamos *fora* o seu conteúdo. Ficou a expressão. Não saber dizer daquele corte produzido no dia em que resolvemos levar um fantoche e socraticamente indagar: O que você pensa da vida?, sem querer dizer o que é a vida, mas de algum modo dizendo a vida é, efetuou também um

vazio. Nada ficou no lugar. Respostas estéreis alimentavam nossa inquietação. Será que eles não estão entendendo a pergunta?

Desejo-outro – Rachar o roteiro/identitário com infiltrações que invadem a lógica linear, os testes de perguntas e respostas com uma resposta exata, a resposta. E também com destranscendentalizações do olhar da cartógrafa preso aos objetivos de ter dados, desmontando, assim, sua maneira de pensar, jogando fora tantas anotações interesseiras, alienadas, preconcebidas de uma única direção. Momento que em outro tempo entra na viagem da vida e recupera com força o possível ainda de um verso deixado. Transbordamento-verso de uma experiência ainda em conversa... que volta a encontrar espaço nas fissuras dos múltiplos fazeres da pesquisa.

Uma viagem de ônibus: entramos em um transporte coletivo, pensamentos sinuosos e barulhentos retomam-se com ideias criadoras. “Pois a ideia não é o pensado, mas o que faz pensar. O pensamento criador não vai por si, mas se realiza por meio de uma experimentação e movimentos que buscam dar expressão à ideia” (KASTRUP, 2007, p. 63). Violência das conexões. Idas e vindas e mais ainda lidas em improváveis passeios. Esperamos um tempo, um bom tempo... Agora esse verso volta com força, novo, todo em nós.

Nos dias em que fazíamos a indagação O que você pensa da vida?, diversas respostas acumularam-se perdidas e não nos traziam sentido. No entanto, uma das respostas mudou o esquema. Não se apresentou como resposta, senão como desejo de viver. Alegria de criar. E logo que ouvimos... “*Eu só quero fazer meu robô*”, sentimos aquele corte, uma torção do pensamento. Outras escutas. A criação existe como [...] *o resultado de um ato de força, de imposição de sentido* (CORAZZA; TADEU, 2003, p. 47, grifo nosso).

Retorno. Aprender com o tempo do não-saber, do hiato, do estranhamento. Desviamo-nos das tentativas de definir, explicar, formatar, estruturar o pensamento que diz o que é e o que se pensa disso, para experimentarmos um verso de desejo de vida... *eu só quero!* Latência dos encontros improváveis, incertos movimentos de um passeio que acontece também no transporte coletivo de Vitória-ES. Ideias não

marcam hora exata, lugar exclusivo, momento apropriado, elas tramam com a arte da existência estilizando “brincadeiras de vida”.

Inspirado em Nietzsche, Deleuze quer inverter o platonismo. Em lugar de buscar as formas puras expressas numa única Ideia, atentar para as miríades da sensibilidade; em lugar de buscar a contemplação do Sol, divertir-se com as múltiplas possibilidades do teatro de sombras no interior da caverna (GALLO, 2008, p. 31).

As crianças criam possibilidades de vida no “escuro” da escola, visto que não param com o que é dado (a *Luz* que é), com o que já é daquela maneira e pronto. Elas deslizam, sambam, movem-se numa corrida de encontros novos. Há uma fresta no *Modelo*, brecha que em algum momento deixa passar o não pensado, imprevisível, inesperado mundo novo, outro, que tão bem pode ser inventado com a potência dos vetores acionados pela intensidade dos movimentos do desejo.

Vida se faz vida em si mesma. Traça suas intensidades e nos leva em seus desvios. Arranca das perguntas modos de existência ainda não pensados, detém-nos no viver e, em uma hora rara, apronta dados produzidos no “samba da vida”. Hora que vem no ritmo dos encontros, simplesmente acontecem.

O encontro como acontecimento não pode ser antecipado pelo pensamento, é uma relação exterior aos seus termos; não é para ser explicado, dá-se ao acaso (LÓPEZ, 2008). Assim, no “escuro” (não-saber), também a escola pode resistir aos pressupostos da lógica Estática, Ideal, Coerente, Segura, Universal quando, com os deslocamentos das crianças, algumas fulgurações, rastros, lampejos que desenhavam uma vida bonita, mesmo que no jogo claro-escuro, afirmam não um modelo estruturado do Ser; ao invés, um não modelo vivido no compasso do *existir que não se conforma à lógica da unidade*.

[...] uma possibilidade de vida se avalia nela mesma, pelos movimentos que ela traça e pelas intensidades que ela cria, sobre um plano de imanência [...]. Um modo de existência é bom ou mau, nobre ou vulgar, cheio ou vazio, independente do Bem e do Mal, e de todo valor transcendente: não há nunca outro critério senão o teor de existência, a intensificação da vida (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 98).

As linhas de composição desta escrita espalham-se entre os encontros com as crianças, com a escola, com os amigos e com alguns desvios inventados pelo

pensamento que deseja uma arte-de-si, um samba que atrai o tempo intensivo, não sequencial em presente, passado e futuro; antes o tempo fugaz, distraído, movido de imanência. Distração que passeia em um ônibus, vagueia por ideias inventivas. Desalojamento, “[...] um ziguezague que desliza entre” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 42). Estilo cartográfico de viver com as crianças. Uma constituição do sentido que se impõe entre platôs do cotidiano de uma vida-verso.



## INFÂNCIA... PALAVRA QUE CANTA E PINTA DEVIRES

*O que se desatou num só momento  
não cabe no infinito, e é fuga e vento.*

*(Instante. Carlos Drummond de Andrade)*

O platô infância não encontra palavras nem sabe o que dizer. Um texto há que produzir palavras, abrir-se à vida das palavras, explodir como um devir-palavra. Desejo. Vontade. Necessidade. Mas as palavras não nos obedecem. Pensamentos-desejos que escorregam na língua do escritor sedento de inventar um jeito de dizer, de ouvir, de experimentar. Arte de viver *isto e aquilo e mais aquilo*, “e”... Intensidade. Encontro. Decomposição. Metamorfose. Língua que se faz escrita por entre palavras de tantos lugares, tantos sons, diferenciados arranjos. Palavras carregadas do outro do pensamento, seu *fora*, o não-pensável. Outro sem direção, disforme, perdido em um *Instante*<sup>10</sup> Drummond.

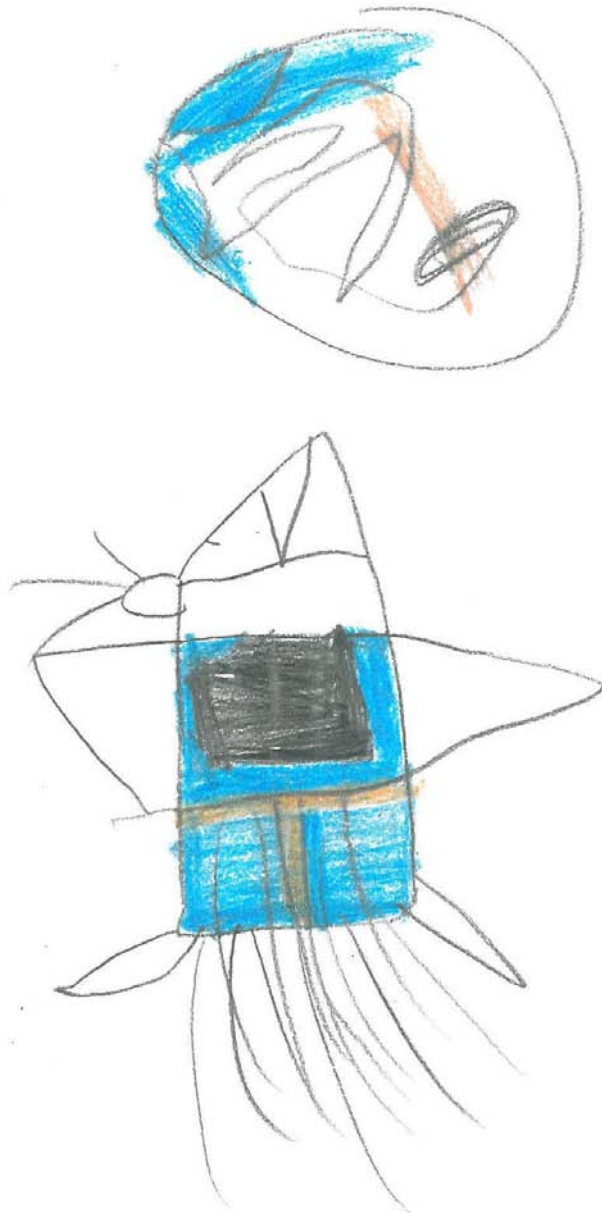
Instante em fuga, *tempo sem caule*, sem eixo central, que ordena presente, passado e futuro. Instante que dura com as expressões de vida espalhadas pelo vento de uma escrita a zigzaguar entre linhas retas definidas sujeitadamente no cotidiano da escola. Língua que canta e pinta com o estilo de um *devir criançairo*<sup>11</sup>. Devir das coisas, que não se deixa aprisionar; música de tantos sentidos, pintura com traços de uma multidão. Pois escrever entre palavras fugidias, delirantes, imprecisas, não determinadas nos modelos de identificação, imitação, faz-nos pensar infância como “[...] componente de fuga que se furta à sua própria formalização” (DELEUZE, 1997, p. 11).

Escrever não é certamente impor uma forma (de expressão) a uma matéria vivida. [...]. Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido (DELEUZE, 1997, p. 11).

<sup>10</sup> ANDRADE, Carlos Drummond. Instante. In: \_\_\_\_\_. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Record, 2010. Ver ANEXO C.

<sup>11</sup> Devir-criançaero é um neologismo criado por Corazza. Ver CORAZZA, Sandra; TADEU, Tomaz. **Composições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.





Com inspiração drummondiana, queremos jogar palavras dispersas (*fuga e vento*) em um fragmento de poesia de outros tantos versos de infâncias, possíveis entradas e saídas, daquilo que não sabemos ainda como *entreinfantil*<sup>12</sup> e, talvez, com *um pouco mais de calma* e paciência, possamos problematizar algo inflamável, imensurável, bem como viver de maneira intrigante e incerta os movimentos do *devir-criança*.

---

<sup>12</sup> Entreinfantil: um conceito produzido com a produção de sentido do pensamento de Kohan e Corazza. Expressividade de uma vida bonita que pode ser criada entre-infâncias.

O Devir-criança é o encontro entre um adulto e uma criança [...].  
Devir-criança é, assim, uma força que extrai, da idade que se tem, do corpo que se é, os fluxos e as partículas que dão lugar a uma “involução criadora”, a “núpcias antinatureza”, a uma força que não se espera, que irrompe, sem ser convidada ou antecipada (KOHAN, 2007, p. 95-96, grifo do autor).

Devir, nascimento do novo. Força dos desvios, das inusitadas aventuras da constituição de si. Encontro de mundos. Territorializações e desterritorializações. Passagem aberta que atrai o acontecimento “Devir-criança enquanto átomos de infantilidade, que produzem uma política infantil (desta vez, sim) molecular, que se insinuam nos afrontamentos molares de adultos e crianças” (CORAZZA; TADEU, 2003, p. 101).

Então, em diferenciadas linhas, reticências de nós mesmos, escrevemos infância, palavra que pode pulsar novos pensamentos. Pensamento sem fixar o que é, mas insistente com o que se faz com o que dizem que é. Pensamento-infância sem fundar a verdade, o começo, antes ligado ao instante desatado, desmedido, deslizante, fuga ao infinito levado pelo vento em questão: Onde pousar...?

Vento, ventania, sopro que nos leva sem destino, sem certezas absolutas. Um voo de curvas e voltas, de manobras e de redemoinhos, que nos coloca em relação com uma maneira de escrever a intensidade das palavras, que canta e pinta infância.

Cavalgando na descontinuidade do tempo que se aventura pelas rotas do acaso, rotas inventadas, sim, há *uma* rota, só que não é a rota dada pelo modelo da representação, talvez uma rota agenciada lá onde o vento faz a curva, seguimos em ziguezague pelo que vive, sobrevive e existe... resiste em derivação do estado de coisas (corpóreo) e do acontecimento (incorpóreo).

Vento, ventania,  
Me leve pra onde  
Nasce a chuva,  
Pra lá de onde  
O vento faz a curva...  
Me deixe cavalgar

Nos seus desatinos  
 Nas revoadas,  
 Redemoinhos...  
 Vento, ventania, me leve sem destino

(Vento Ventania – Biquini Cavado<sup>13</sup>)

Vento que neste instante nos leva a compor palavras de um viajante, um *Carimbador Maluco*, Outro que de tantas maneiras e com suas fugas insiste na escrita desse platô-infância e faz rasuras: uma escrita borrada com a multiplicidade de ideias, desejos, sons, silêncios. Deleuze diz do problema de *escrever...* em que o escritor “[...] inventa na língua uma nova língua, uma língua de algum modo estrangeira” (DELEUZE, 1997, p. 9).

Sendo assim, enfrentamos também esse problema, desafio do escritor que “[...] arrasta a língua para fora de seus sulcos costumeiros” (DELEUZE, 1997, p. 9). Problema que nos coloca às voltas com uma infância a se pensar, podemos até confessar que não sabemos... vamos experimentar. Escrever entre dificuldades, contrações, desconfortos. Experiência de nascer cada vez. Sempre. Dar a conhecer palavras que se embaralham em uma multiplicidade de conflitos, impasses, decisões a n-1. Menos que o modelo, as totalizações, as essências. Subtrair os universais, as verdades que ditam o ideal.

Palavras jogadas ao vento, *lá onde o vento faz a curva*, sem rumo certo... Experiência exposta ao imprevisível, que nos leva a *sair da história para entrar na vida* (CORAZZA; TADEU, 2003). Experiência limite, não preexistente, inventada com o que faz viver de modo intenso, força do acontecimento, modulações que arrancam o devir da infância cronológica regulada por representações do modelo cognitivista.

Escrita rasgada pelo plano transversalizado da experiência-infância, que se constitui entre os desdobramentos dos processos investigativos e das irrupções-escuta das palavras, das ideias, dos pensamentos-desejos-conversas atravessados com os

---

<sup>13</sup> No ANEXO D, letra da música Vento Ventania: CAVADÃO, Biquini. **Álbum:** o melhor do Biquini Cavado. Rio de Janeiro: Gravadora EMI, 1994.

problemas colocados pelo encontro que se produziu com as pesquisas de Walter Kohan e Sandra Corazza. Infância que educa, nos envolve, articula forças, nos faz devir-criança.

Na infância aprendemos a falar e a ler. [...]: a infância é devir, sem pacto, sem falta, sem fim, sem captura; ela é desequilíbrio; busca; novos territórios; nomadismo; encontro; multiplicidade em processo; diferença; experiência. Diferença não-numérica; diferença em si mesma; diferença livre de pressupostos. Vida experimentada; expressão de vida; vida em movimento; vida em experiência (KOHAN, 2005, p. 253).

Desse modo, a pesquisa se aproxima das obras desses autores por deslizamentos, manobras, *surfando* em suas problematizações, para pensar a infância da educação. Uma arte de viver descolado e *de abandonar o que se é, de abrir espaço para ser outro do que se é* (KOHAN, 2007, p. 82). Aproximações e intensidades de uma vida bonita das crianças do mundo:

[...] elas deslizam entre as ordens, fluem entre os atos, circulam entre idades, produzem infinitas infâncias nas linhas de fuga em relação às máquinas duais por onde passam e que atravessam de fora a fora. Elas saem dos dualismos [...]. A criança é o devir infantil de cada idade. Saber crianciar-se não é permanecer criança, é extrair de sua idade as partículas, as velocidades, as lentidões, os fluxos que constituem a crianceria dessa idade, de modo que a própria idade crianciera, ou Idade de Criança, é que é um devir-criança (CORAZZA; TADEU, 2003, p. 102).

Instante das palavras, frestas que deixam escapar a potência dos paradoxos, as possibilidades ainda de pensar a infância que se articula com novos conceitos e se conecta com expressões do encontro Kohan-Corazza como fulgurações de sentidos com o pensamento de Deleuze. Janelas de um horizonte aberto, vida-escrita-conceito em relação ao ethos que corta este texto. Existência em forma de arte:

O conceito é, portanto, ao mesmo tempo absoluto e relativo: relativo a seus próprios componentes, aos outros conceitos, ao plano a partir do qual se delimita, aos problemas que se supõe deva resolver, mas absoluto pela condensação que ocupa sobre o plano, pelas condições que impõe ao problema. É absoluto como todo, mas relativo enquanto fragmentário. *É infinito por seu sobrevoo ou sua velocidade, mas finito por seu movimento que traça o contorno dos componentes* (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 33, grifo do autor).

O conceito vive com a intensidade das palavras não por elas mesmas, mas com o que se experimenta, se modifica; ele faz outros de nós quando nos banhamos no

mesmo rio duas vezes. Rio de velocidades flutuantes, correntezas que tiram a pele, a ordem das coisas, imensidão afectiva de um devir-criança, “[...] uma forma de encontro que marca uma linha de fuga a transitar, aberta, intensa” (KOHAN, 2007, p. 96).

Alguns conceitos até servem para rotular-definir-determinar funções, mas pensar com conceitos aqui é uma aposta possível de inventar problemas, desequilibrar o *Mesmo*, o Único dado pelo modelo representacional da natureza coerente das formas do Ser. Podemos dizer assim que “[...] o conceito de um pássaro não está em seu gênero ou sua espécie, mas na composição de suas posturas, de suas cores e de seus cantos [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 32). Uma aposta no acontecimento que irrompe das experiências e deixa passar a potência das forças moventes, criadoras de trepidações ou, quem sabe?, de terremotos, maneiras de partir o saber transcendental.

Em diferentes intervalos, este texto entrega-se a uma escrita marcada com alguns conceitos intempestivos de *como a gente se torna o que a gente é*. Pensar um conceito experimentando seus efeitos, proliferando maneiras de fazer fluir alguma coisa que está entre os movimentos, as ideias. Pensar, olhar, viver, sentir... sensações lançadas pela compreensão de que a “[...] filosofia já não é mais o produto do pensamento, mas a própria existência do pensamento” (KOHAN, 2007, p. 103). Portanto, alguns conceitos, como Devir, Acontecimento, Experiência, Encontro..., querem provocar ondulações, dobras, extensões do possível que pulsa nos versos do processo de criação de uma vida bonita.

Infância... platô que deseja pensar a potência de uma vida bonita e a existência de si no território da Educação Infantil do CMEI “Plunct Plact Zum”, com os jogos de poder, os cantos, as picadas: jeito irreverente, intempestivo, das velocidades dos movimentos das crianças e dos desafios dos processos de desterritorializações dos adultos... como alguns desmanchamentos dos territórios constituídos (ROLNIK, 2007).

O encontro com tantas maneiras de ser pode provocar uma atitude de desalojamento do senso comum, do bom senso da adaptação do infantil, da escola que educa. Algumas conexões cartográficas incitam-nos a desenhar as

possibilidades do plano imanente dos processos de produção do conhecimento, que também podem educar a escola, do infantil, que também fala com os efeitos de um devir-criança, e das *ZIC*, que também desejam outro corpo, um corpo vibrátil que alcança o invisível (ROLNIK, 2007).

Corpo com intensidades e vibrações que suspeita da estrutura fincada no tempo cronológico, na tradição que transmite o bom, o certo, o eficaz. Corpo vibrátil que possibilita o fluxo, passagem de vida, movimento ilimitado. Contrário ao olho-do-visível preso ao limitado, às linhas duras.

Nas fissuras abertas entre o olho-do-visível e o corpo-vibrátil produz-se um *fator de a(fe)tivação* que deixa vaziar a existência de uma vida bonita e inventa um jeito de *habitar o ilocalizável* (ROLNIK, 2007).

[...] “composto híbrido”, feito do seu olho molar, é claro, mas também, e simultaneamente, de seu olho molecular, ou melhor, de todo aquele seu corpo (o vibrátil), pois o que quer é aprender o movimento que surge da **tensão fecunda** entre fluxo e representação: fluxo de intensidades escapando do plano de organização de territórios, desorientando suas cartografias, desestabilizando suas representações e, por sua vez, estanca o fluxo, canalizando intensidades, dando-lhes sentido (ROLNIK, 2007, p. 67, grifo do autor).

Infância não de um único fazer, mas como abertura das problematizações de um estilo inquietante, outro, novo em suas criações. Pensar com a experiência, com os processos de constituição de si, com o que está sendo produzido na Educação Infantil de maneira não-pensada, não-visível pode desfazer alguns esteriótipos, alguns decalques, e *entreinfantilizar* algumas transições, passeios que podem visibilizar fissuras, vazamentos de uma vida bonita, deformações no relevo histórico do pensamento que diz o que é a infância.

Dirigir-se à criança em sua própria infância: permitir-lhe que, em vez de desabrochar, como se diz impropriamente, ela venha a expandir-se; em vez de se identificar, ela se disperse em uma multiplicidade de novas relações – eis o caráter próprio das transições (SCHÉRER, 2009, p. 105).

Nova língua: “[...] uma pintura ou uma música, mas uma música de palavras, uma pintura com palavras, um silêncio nas palavras, como se as palavras regurgitassem seu conteúdo, visão grandiosa ou audição sublime” (DELEUZE, 1997, p. 128).

Palavra infância, um devir que canta desterritorializações, revira e muda o *Mesmo* educar, entoa outras versões de si. Infância, sim! Um possível. Uma vida que se arranja com bons encontros.

Como um *Instante* Drummond de fuga e vento, algumas palavras se desatam. Pensamentos compõem músicas... sensações que pintam devir-criança em suas linhas de expressividade. Risada gostosa a nos dizer: *nascimento das palavras*. O riso traz consigo a beleza da poesia que algumas vezes nem cabe no infinito e, assim, retorna ao demasiado humano de *como a gente se torna o que a gente é*. Palavras desejanter. Soltas. Amigas. Boa noite.



## **“SE QUISER VOAR...”**

*Ide, ide de mim!*

*Passa a árvore e fica dispersa pela Natureza.*

*Murcha a flor e o seu pó dura sempre.*

*Corre o rio e entra no mar e a sua água é sempre a que foi sua.*

*Passo e fico, como o universo.*

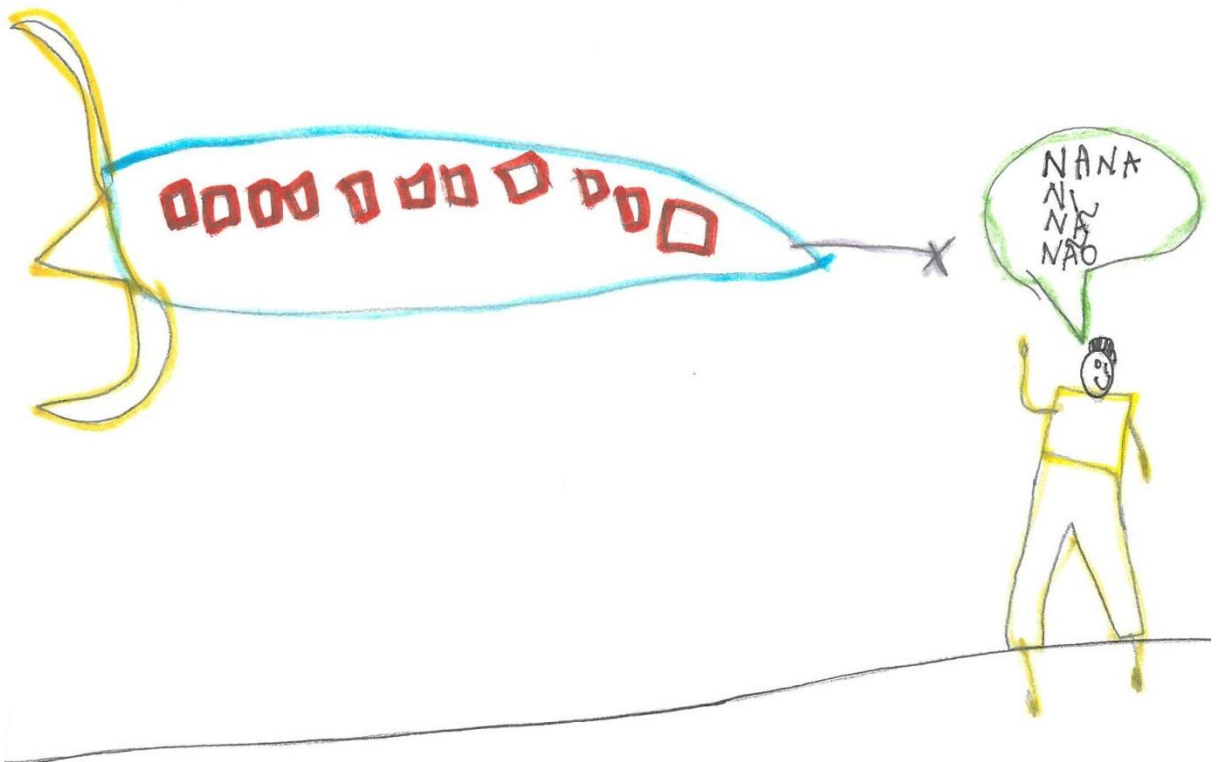
(Fernando Pessoa)





Mundo de composições. Obra de arte. Uma vida possível entre desenhos, traços, cantos... “[...] e a composição estética, que é o trabalho da sensação” (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 247), inventa voos, decola com os efeitos de uma viagem “Plunct Plact Zum”: paradoxalmente intempestiva. Silêncio e grito. Ar e chão. Estética e técnica. Partir e ficar. Aberto e fechado. *Meio possuído do “e”*. Aventuras disparadas com os versos criados por um *Carimbador Maluco*.

Pintamos, esculpimos, compomos, escrevemos sensações. As sensações, como perceptos, não são percepções que remeteriam a um objeto (referência): se se assemelham a algo, é uma semelhança produzida por seus próprios meios, e o sorriso sobre a tela é somente feito de cores, de traços, de sombra e de luz (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 216).



## ÁGUA QUE JORRA NA LÍNGUA DAS CRIANÇAS

Escorrem nas palavras das crianças outras águas, cachoeiras de ideias, correntezas de conexões. Água que foge entre os dedos. Escapa dos percursos definidos, “dança fora do leito”. Em contrapartida, um rio calmo e raso parece prevalecer no tempo da estrutura escola: um livro nas mãos marca o lugar ainda em destaque da professora explicando a importância da Água, sua utilidade. Contando a história, apresentando imagens, formando rimas, ela desenvolve algumas marolinhas discretas, enquanto, na cabeça das crianças, forças invasivas desmontam barreiras, arrastam pedras (vogais, consoantes, nome próprio...) e promovem inundações de outros conceitos, ondas de pensamentos ferozes, avassaladores. Pensar a produção discursiva a favor da água faz muito bem, também “mata a sede”, no entanto, as conversas das crianças dizem: “... *de que sede? As águas que estão rolando inventam que mundos?*”

As crianças derramavam suas invenções. De um lado, frases do livro com rimas meio previsíveis; do outro lado da cena, metamorfoses aquáticas borbulhando em diferentes inundações: “*água não nasce...*”; “*na praia tem guarda-vida*”. As conversas foram desembocando em um mar de possibilidades, momentos sublimes de um devir-livro. As determinações da gramática convencional não nadavam com os sentidos-desejos do pensamento Outro, que cria, nem com a língua que na boca das crianças fala entre espaços de vida.

Explicações de que “a água nasce na fonte”... ideia que para as crianças parecia não ter fonte... E a professora completava: “*Depois vamos conhecer o que é uma fonte...*” Talvez, no momento em que a professora pronunciava o nome de quem escreveu a história que estava sendo contada, autora Ingrid Bellinghausen, uma profunda “fonte-pista” encontrasse sentido. Com emoção, Celimar relaciona a fonte/autora a uma *nascente de uma cantora* que no momento se fazia mais próxima e, sorrateiramente, baixinho, exclama: “*Amy Winehouse já morreu*”. Surpresa de uma *rima tão viva e que há pouco havia morrido*. Essa língua que naquele instante pedia passagem chocava-se com a muralha do *a priori*, dos fundamentalismos receituários – deixando de lado o acontecimento, outras escutas. Sendo assim, a

aula/saber se projeta nas finalidades, nas respostas que definem o curso da água para o bom entendimento daquele conteúdo. Tantas águas-questões ficam submersas nas linhas de fuga das crianças!

O pensamento pergunta-nos acerca de tantas conexões que fluem e flutuam no terreno da escola. O que queremos escutar? Damos passagens a que língua? O que fazemos com as interferências das crianças? Elas provocam deslizamentos de barreiras, fazem infiltrações nos esquemas lógicos e garantem velocidades radicais.

Sentir um espaço de insegurança, de não-saber, pode ser uma experiência movente na vida do professor. Depois de as inúmeras gotas de água, com seus pensamentos inesperados, escorrerem na sala de aula, saímos para um cafezinho com a professora. Entre conversas... uma gota de risada: *“Não vão rir de mim... eu não sei falar o nome dessa autora”*. Entre café e risada brincamos com essa fala. Dizíamos: *“As crianças falam bem o que muitas vezes não sabemos como dizer. Sabe que Celimar falou junto com você o nome da cantora Amy Winehouse. Que sacada!”*

Momento de perceber os desdobramentos das relações. Falar o nome da autora, um agenciamento, um corte, uma possibilidade de não saber dizer, atitude da professora que contava a história e, também, uma descolada entonação do nome da cantora Amy Winehouse (encontro-sonoridade que grita em tom “grave” outros possíveis). Voz intrigante de Celimar que fez jorrar naquele instante uma ligação de sentido com rimas incisivas. Ingrid Bellinghausen-Amy Winehouse. Expressamos na conversa com a professora que distorções da língua são criadas pelas crianças. Conexões vivas. Elas entram por torrentes de águas, relacionam-se com o mundo que a vida traz em si, escoam diferença.

*Fazer escorrer a chuva antes que essas poças sequem,  
fazer da chuva água, enxurrada, enchente, caos.  
Ler as entrelinhas para que a imprecisão se faça.  
De preferência, ler distraidamente linhas e entrelinhas.*

(AMORIM; OLIVEIRA JR, 2011, p. 9)

Pensamentos em bolhas. A escola insiste em configurações do tipo frases feitas. Mas há que se experimentar a brincadeira de correr atrás das bolhas para estourar algumas, algumas poucas, ao alcance daqueles que ensinam com uma liberdade do pensamento vivo, sem a única preocupação de “produzir frutos”, de memorizar para que serve.

De um lado, afirmação: “*A água nasce da fonte*”. E, do outro, uma questão: “*Água não nasce...*” Voz curiosa que soava em reticências. Como escrever essa entonação...? Limite também das palavras, da gramática, do ensino que fixa, estrutura, é sintaxe, mas não nos retira a sensação, a beleza, o riso, a provocação de ideias que vazam pelos efeitos embaçados das bolhas de um devir-criança e pelas modulações de uma gota, pedaços de formas, roubos, matéria de expressão, outras maneiras, outras línguas que evaporam e deixam as possibilidades de chuva, do novo, outras transformações.

As águas que forçam as paredes, as grades curriculares, os saberes didáticos presos somente à lógica do conteúdo disciplinar definido pelo adulto (água leva aos cuidados com o corpo, aos meios de transportes...) podem problematizar que outros pensamentos, o que “mais no mesmo”? Elas também produzem fugas, desvios, e deixam vazar outras expressões, outros afetos, outras linguagens. Surfar com as crianças exige “furar ondas” e, mesmo que clandestinamente, se for o caso, cantar *Meteoro da paixão*. O que estamos cartografando?

Seguimos uma linha... atividades de aula... acontecimentos entre o tempo de escrever frases-feitas a respeito da relação da água com o corpo e o espaço inventivo das crianças. Elas olhavam a gravura, cena que revelava uma ação entre água e corpo (Exemplo: *escovar os dentes*). A cada gravura, escolhiam um nome para o desenho da criança em ação (Assim escreviam o que a gravura significava – “Pedro escova os dentes”). Muitos nomes nadaram na boca das crianças... Pedro. Lucas. Thiago. Mariana e outros. Em uma das gravuras, disseram: “Luan Santana”. *Te dei o sol, te dei o mar pra ganhar seu coração...* dispararam cantando *Meteoro da paixão* (Música do cantor Luan Santana). A professora, sem pestanejar e meio confusa, diz: *Luan Santana não escrevo. Escrevo Luan*. Questão de gosto-estilo musical? Essência X Desejo? Regras? Rótulos? O que é válido e o que não pode ser? Escrita = Modelo? Que diferença está em jogo?

Permitido mundo adulto de muitas vezes não entrar na dança, no ritmo, na intensidade de cantar outros nomes, mesmo que já consagrados pela mídia, porém remixados nas vozes, nos gestos, nos imprevisíveis versos das crianças. “Não é em sua gramática nem em sua materialidade nua que encontramos a vida das palavras. As palavras são sempre as mesmas; seu sentido, porém, é diferente a cada vez que são pronunciadas ou ouvidas” (LÓPEZ, 2008, p. 10).

Ao nos olhar, a professora meio sem saída fez uma indagação: “*Viu? quem manda deixar eles darem ideias?*”. É constante a intervenção das crianças também ampliada pela abertura da professora, no entanto, surfar com elas desequilibra-nos o tempo todo. Muitas das nossas tentativas de ouvir o outro reforçam a prática de deixar o pensamento viajar-criar até certo ponto. Limitamos a arte de ouvir. Impomos limite ao que escutamos com base nos julgamentos que fazemos. Ouvimos a partir do nosso ponto de vista. Aventuramo-nos pouco quando o pensamento se torna restrito a um modelo ou a uma lógica. Talvez a música, o canto, como um ritornelo, nos convoque a uma experiência de “[...] vivenciar os vácuos e, de dentro deles, buscar matéria de expressão para administrar as partículas de afeto enlouquecidas, dando-lhes sentido” (ROLNIK, 2007, p. 75).

[...] abre-se para o pensamento a possibilidade de ultrapassar os limites do visível e de participar da *processualidade de elaboração de cartografias* e de constituição de territórios, embarcando nas linhas de fuga, enfrentando os impasses de sentido e para eles inventando saídas, a cada vez que se apresentam (ROLNIK, 2007, p. 74, grifo do autor).

Conversas-fragmentos que nadam na composição de um mundo deslizante. Ziguezague de possíveis. Escuta. Viagem de verso em verso. Atração de ordem e caos, controle e resistência, alegria e espanto.

“*Vou dar atividade de escrever até cansar a mão*” (Professora Mirley).

“*Eu nasci pronta para vencer... eu adoro ganhar, mas eu perdi*” (Roberta).

“*Hoje estou mal-humorada porque minha mãe fala todo dia... tênis, tênis, tênis...*” (Sylvia).

Impasses de sentido transitam entre os desejos e as possibilidades de produzir uma vida bonita. Nos versos que cantam em língua múltipla, uma polissemia de sintomas,

de intenções, de planos de existência, de entrega e de defesa, entoam modos de ser e de fazer. Um jogo com elementos de afirmação da vida e também do que a sufoca. “Uma vida filosófica exige haver-se com os outros. Por isso, o choque é inevitável, porque seu modo de vida afeta significativamente o modo como os outros vivem” (KOHAN, 2009, p. 31). Arte de viver com o outro, com o que o outro sente, pensa e faz. Olhar vibrátil que escapa em alguns momentos do “ver para crer” e, assim, vibra em outras fulgurações, propaga outras formas de compor o humano, demasiadamente humano.

Brincar, experiência de dar-se ao encontro e também de poder criar novos sentidos, já que, mesmo sendo tão bom brincar, nem todas as crianças queriam entrar na “roda” produzida naquele momento. Seguir os movimentos do jogo – um convite lançado pelo desejo que se enlaça em uma constituição de si na brincadeira.

Alegria, alegria. Força que desequilibra. Dia de uma atividade diferente que também estressa e com tanta euforia pelo novo espaço de brincadeira, a professora Mirley contesta: “*Se continuar essa bagunça... vou dar atividade de escrever até cansar a mão*”. Toda aposta exige correr riscos. E o que se escreve até cansar a mão? Que movimentos rascunham sem parar outras intensidades?

A atividade não foi de cansar a mão, mas deixou em alguns aquele mal-estar de perder (coisas da vida para alguns e opressão para outros). Muitos também deixavam a brincadeira e corriam em disparada quando, de dentro da mochila de alguém, saía algo inesperado (quem sabe uma outra escrita?) não porque visto pela primeira vez, mas porque contagiava com desejo de brincar junto.

Entre brincadeiras e escritas, um sentimento de fracasso, de choro, de insatisfação na voz cortante de Roberta: “*Eu nasci pronta para vencer... mas eu perdi*”. Grito sofrido de uma criança catequizada para vencer de qualquer maneira. A questão entre perder e ganhar, aceitar e resistir, rir e chorar pode dizer-nos acerca de alguma atividade/conteúdo? Entrar na escrita dessas “mãos cansadas”, que versam com suas inquietações/gritarias marcadas por outros desejos, pode produzir um mundo-diferença? Atividade e sentido, morte e vida, vazios, ausências, cuidado, arte de si, enfrentamentos e outras atitudes com a infância, que pensa um pensamento que não se pensa. Infância desejanse de mostrar certo modo de andar pela vida.

Quem sabe, tal encontro entre uma criança e uma professora ou entre uma criança e outra criança ou, ainda, entre uma professora e outra professora possa abrir a escola ao que ela ainda não é, permita pensar naquilo que, a princípio, não se pode ou não se deve pensar na escola, e fazer dela espaço de experiências, acontecimentos inesperados e imprevisíveis, mundo do devir e não apenas da história; tempo *aión*, e não somente *chrónos* (KOHAN, 2007, p. 98, grifo do autor).

Nem sempre queremos o que parece ser corretamente aconselhado. *“Um ganha e o outro perde”, “hora de sair da brincadeira”, “chorar não vai resolver nada...”* Alimentamos discursos idealistas, procedimentos da boa convivência. Fazemos isso falando de um modelo para ser bom, honesto, saber perder. Como nos afetamos quando a lei não segue esse esquema e o caos está armado?

Há que produzir afetos. Deixar passar afetos. Na língua das crianças, aprendemos que [...] *as palavras são sempre as mesmas, mas o sentido do que dizem morre e renasce a cada vez, na voz de cada locutor, em cada palavra que se diz ou se escuta, em cada palavra que se escreve ou se lê* (LÓPEZ, 2008, p. 70, grifo nosso).

Chegar à escola e dizer com as mãos entre a cabeça: *“Hoje estou mal-humorada... porque minha mãe fala todo dia... tênis, tênis, tênis”* (Sylvia). O que dizem as palavras? Para a mãe, há que seguir uma tarefa, uma obrigação. Em relação ao desejo da criança, as palavras querem tomar um ar, estarem soltas ao sabor do vento. Desejo que se aproxima dos pés das crianças, dos deslizantes passos por liberdade. Para a cartógrafa, que acompanha e vive os movimentos alternados das palavras e do que elas também podem dizer ainda, uma sensação de simulacro produz no seu corpo os gestos da criança (*“mãos entre a cabeça”*), sem saber o que dizer, sentindo o limite da regra e do desejo... Ainda há que deixar passar afetos.

Assim, as regras também formam modos de vida, elas ficam e passam e deixam passar outras. Em poucos minutos, o tênis já estava no cantinho da sala ou dentro das mochilas (a pedido da professora). Regra de vida. Regras possíveis. Também podem levar chinelo para escola e, após entrar na sala, trocar de sapato, trocar de experiência, trocar de pele, trocar de expressão. Quando a troca é boa, a potência de agir aumenta e nasce uma força a favor da vida. Ecdises do devir. Quebras, vácuos, vazios que encontram expressões em não-lugares, em palavras inauditas, em pensamentos de intensidades aiônicas. Desejo de uma vida, uma arte, estilo

outro: *Toda sensação se compõe com o vazio, compondo-se consigo, [...] se conserva no vazio, conservando-se a si mesmo* (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 215, grifo nosso).

Encontro de corpos. Troca de afetos que produz afecções. O encontro pode ser bom ou mau. Não no sentido de uma disputa entre o bem e o mal, mas no do aumento ou da diminuição da potência de agir (MACHADO, 2009). Bons encontros deixam passar alegria, vigor, sensação de liberdade, vontade de potência, possibilidades de compor uma vida bonita; maus encontros despotencializam, esgotam o bom humor, a beleza, a tranquilidade. Corpos que se afetam “de bom encontro” então acionam, aceleram, ativam um devir-outro intenso.



*A vida não para...* nem os encontros-experiências. Uma maré arrasta as palavras carregadas de afecções. Entre um pouco mais de conversa, Alexandre narra



aventuras em alto mar de uma pescaria tumultuada e confusa que seu pai havia vivido. Como ele conta, “*a maré não estava pra peixe*”. Eram ondas de fabulações, vaivém de movimentos que se abrigavam com a roupa da lua. Fabulações criadoras (DELEUZE; GUATTARI, 1997a).

Com o desejo de participar da processualidade de elaboração das cartografias, entramos na maré da conversa de Alexandre, com o elemento talvegue<sup>14</sup>, linha que talvez nos leve por meio improvável aos deslocamentos das águas dos afluentes da língua em que a cada onda estamos aprendendo a navegar. Alexandre joga com a maré o tempo todo. O que pode uma maré? Comprometemo-nos a levar um *notebook* para que a vida da maré fosse ampliada com imagens, vídeos, outras conversas.

Maré vai maré vem, remamos entre baixa-mar – nível mínimo de uma maré vazante – e preamar – nível máximo de uma maré cheia. Outras buscas de um devir-pesquisa acionado por uma conversa com Alexandre. Buscas de nós mesmos. Ainda não havíamos levado o *notebook*, mesmo com todas as cobranças. Em um encontro performático, André, de longe, fazia gestos com os dedos indicando o movimento de usar o teclado do computador. O olhar, mesmo a uma distância, pedia cumplicidade, trazia uma maré carinhosa de cuidado de si e do outro. Foi um gostoso gesto de espera confiante na mudança da “lua”, ou seja, na mudança de atitude: voltar a casa e buscar o computador. Lua nova, maré boa, *notebook* ligado. Linhas de águas que se encontram. Aprender e ensinar intempestivamente.

Alexandre, em suas fabulações, agenciou na vida da cartógrafa algumas buscas, ideias, outras leituras. Sendo assim, aproximarmo-nos dos conceitos acerca dos movimentos da maré (baixa-mar e preamar) bem como da definição do elemento talvegue inspirava um devir-maré que falava de encontros, passeios, viagens, de uma relação com o inesperado. Geografia de pensamentos. Aumento da potência de agir da cartógrafa.

Em relação aos pensamentos sinuosos das crianças, águas de possibilidades escoavam por entre linhas inimagináveis de um ângulo e vazavam por inúmeros outros desejos. As imagens e os vídeos começavam pela maré das aventuras do rio,

---

<sup>14</sup> Talvegue é a linha que se encontra no meio da região mais profunda de um rio e onde a corrente é mais rápida. RIO. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio>>.

com o elemento navio visualizado na tela. Porém, uma velocidade com diferença potencial apresentava-se tão intensa que o navio era afundado em tantas outras marés.

A questão não é tanto se era baixa-mar ou preamar que provocava o desequilíbrio do navio, mas a variabilidade dos movimentos que alcançavam uma vida bonita. De Navios a Moranguinho (personagem-boneca), de Dinossauros a Barbie, de tudo um pouco, de gostos que não se discutem, antes se experimentam. Navegações de encontros ao acaso. Maré que vai com as palavras de outras fontes, outras nascentes. Um jeito de embarcar com aquelas crianças que saltam, deslizam, surfam sem medo. Resistências... enfrentamentos... euforia... também nos agitavam enquanto a tela do *notebook* não parava de mudar de gosto. Aprendemos e pensamos levados por uma maré e seduzidos pelas ideias criadoras de um tempo que dura.



*René Magritte. O Sedutor, 1956.*

## MOVIMENTOS DAS ZONAS DE INTENSIDADE CONTÍNUA



Pesquisa – composições de sentidos e de questões da infância que desenha a potência de uma vida bonita e agencia conversas, movimentos, paisagens do território da Educação Infantil que, ao serem produzidos com o encontro e o acontecimento, condição de existência do devir, escrevem modos de ser e de agir fronteiriços, nômades, em fuga, o que cria aberturas para um plano de experiências a serem visibilizadas e enunciadas com a cartografia.

Entramos... saímos... ficamos... deixando-nos transitar no CMEI “Plunct Plact Zum”, território composto de elementos da vida pessoal e profissional da cartógrafa e do processo de *como a gente se torna o que a gente é*. Um lugar que tangencia aproximações com a comunidade, com histórias, amizades, desafios, superações e reúne tantos acontecimentos de uma intensa experiência.

No ritmo das *performances* do cotidiano, fizemos alguns sobrevoos bem como pousos em diferentes espaços do Grupo 5, na quarta-feira, e do Grupo 6, na terça-feira. Encontros com as crianças entre 4 e 6 anos. Na segunda-feira,

acompanhamos todos os grupos que de tantas maneiras se deslocavam pelo território da Educação Infantil ao habitarem o pátio, o refeitório, os banheiros, os corredores, as trilhas... Uma movimentação deslizante por diferentes canais de ligação. Os encontros criados com essas turmas e com o CMEI aproximavam-nos de diferenciadas experiências do turno vespertino no período de fevereiro a agosto de 2011. Experiências que continuavam escapando do cronograma “pensado”, pois outros eventos nos chamavam para um pouco mais de festa: Encontro-Formatura de final de ano, em dezembro.



O cotidiano da pesquisa cartográfica configura-se com os movimentos do território da Educação Infantil, que muitas vezes são bem sonoros, coloridos, e também com os efeitos dos gestos e das produções dos lugares silenciosos, escorregadios, das tocas, dos túneis subterrâneos..., movimentos discretos, sutis, expressivos em dizer o que não pode ser dito e em viver de outra maneira.

Localizações de alguns espaços do CMEI “Plunct Plact Zum”: impossíveis de nominar seus tantos traços, linhas, desenhos, relações. Apenas uma possível janela panorâmica por onde pudemos atravessar nossos olhares, nossas intensidades.

Entramos por corredores e encontramos, dependendo do lado que escolhemos seguir, seis salas de aula de um lado e mais quatro salas de aula do outro, que nos levaram a uma esquina-sala reservada para xerox, conversas e planos de aula, de vida. Seguindo em frente, um palco de tantas emoções e apresentações. Meio de banda, um refeitório, um varandão de multiplicidade de funções, uma sala para aulas de Arte e, do lado *de-fora*, uma área livre, movimentada pelas aulas de Educação Física e por tantos outros eventos/deslocamentos, e um pátio de areia.

Bem no início da entrada dos corredores, pudemos encontrar a sala da secretaria colada à sala da diretora, que faz parede com a sala das pedagogas. Em outra esquina, encontramos a sala de informática que, em alguns momentos, se torna sala para as crianças assistirem a vídeos, para a equipe fazer reuniões, para os professores planejarem/navegarem. Junto ao varandão também encontramos a sala dos professores, “Ufa”! Hora de uma pequena pausa para 20 minutos de lanche e, quem sabe?, uma *fugidinha* para comprar Natura, Avon, prata/jóias, ler o jornal, compartilhar receitas, biscoitos e saborear juntos um cafezinho bem como nossos diferentes gostos e, de modo irreverente..., assim, “*leve e solto*”, lançarmos os mais inusitados pensamentos.



Outras voltas podem levar-nos a muitos encontros: crianças por todos os lados qualquer que seja o corredor que escolhermos seguir. Há uma média de 205 alunos no turno vespertino, um grupo de 73 funcionários dos mais diversos setores que atuam no processo de produção da vida desse CMEI. Espaço com lindas castanheiras, pé de banana, pé de carambola, samambaias; deliciosas festas de aniversário, tantas ideias, inquietações, e experiências rasgadas pelo voo de um *Carimbador Maluco* que indica a rota com toda segurança e necessita explicar os fundamentos para uma boa viagem. *Mas ora, vejam só...* quando em contato com o outro e consigo, com algo que provoque o impensável, que nos toca e cava sentidos, ele canta: *Há aventuras que eu nunca experimentei.*

Inventar trilhas e atalhos parece uma arte das crianças. Então, acompanhar o movimento dos que a experimentam sugere diversas entradas e saídas pelo território da Educação Infantil no miudinho do vaivém dos passos, das conversas, dos silêncios, dos cheiros de tantos personagens e, também, dos improváveis elementos do plano dos territórios envolvidos nos descaminhos, talvez chamados de trilhas. Descaminhos como criação de contornos, rachaduras, passagens “secretas” de um estilo de ser que provoca erosões no modelo de retas definidas e bem direcionadas do relevo ideal da escola. Vastos territórios do espaço da pesquisa cartográfica: invenção de paisagens com uma vida que dá mil voltas, que se desprende e se multiplica com a potência de cada encontro. *Trata-se sempre de liberar a vida lá onde ela é prisioneira, ou de tentar fazê-lo num combate incerto* (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 222, grifo nosso).

A arte não só de criar trilhas, mas também de produzir uma vida bonita, um passeio pelos descaminhos, pelos desvios, maneira de problematizar com um jeito inocente e selvagem aquilo que sufoca, enquadra, rotula, enfim, o que se reforça no espaço do controle, e aquilo que se inventa nas irrupções das resistências. Acompanhar processos em curso, ou seja, ser cartógrafa de outros movimentos que o viver agencia, outros sentidos do pensamento, faz incitar o devir, o elo, o que está entre, as pulsações, e requer focos não do que representa os objetos, mas do que os diferencia e escapa, algo com foco em outro ângulo, já que ser cartógrafa ativa certa sensibilidade.

Há uma atenção que poderíamos chamar de desfocada, flutuante; ela levanta voos, não busca algo definido, identificável nas classificações de “coleta de dados”, mas torna-se aberta, horizonte de possibilidades, encontro com inúmeros elementos salientes que parecem convocar uma “produção de dados” para pesquisa cartográfica. *A atenção a si é, nesse sentido, concentração sem focalização, abertura, configurando uma atitude que prepara para o acolhimento do inesperado* (KASTRUP, 2010, p. 39, grifo nosso).

A cartógrafa, personagem que decola na aventura intensa dos processos de criação e das modulações dos fenômenos da vida e do tempo, importuna-se com a questão de onde pousar sua atenção, espera trilhar o pensamento multidão que explora o *entre* da vida, um acontecimento que *fala* das crianças ao produzirem simples “*bolos de areia*”.

Uma escrita “Plunct Plact Zum” escorrega neste instante com a arte de inventar uma Zona de Intensidade Contínua (ZIC...<sup>15</sup>): experiência de uma conversa com o cotidiano que se expressa também em uma produção de si. Passeando pelo pátio quase todos os dias, nos mesmos horários, é possível viver um delicioso *café da tarde*. Brincadeira-encontro de produção de bolos. Baldinhos, pás, peneiras. Um toque expressivo das tranças de Gabriela criou uma aproximação que para a cartógrafa era um encontro-*café da tarde*. Com *um pouco mais de calma*, olhando a montagem da Gabriela compenetrada na preparação dos bolos, sentimos sem dúvida que a brincadeira-encontro era uma  *festa de aniversário*. Quando chegamos bem mais perto, Gabriela ofereceu-nos um pedaço de bolo feito de areia. Perguntamos: “*É de que esse bolo?*” Gabriela fala: “*de chocolate*”. Sabor que muito nos afeta. Isso aconteceu no horário de pátio, enquanto alguns corriam, saltavam, outros se isolavam e se juntavam na produção de bolos de areia.

Gabriela fazia bolos de areia, e Renata só queria mesmo dar “bolo” (um furo, uma pisada, um vacilo), até que conseguisse desmanchar o bolo. Brincadeira encerrada. Com os bolos desmoronados, outras “ondas de areia” afetavam nossos olhos, ouvidos, nosso coração, nossas ideias...

---

<sup>15</sup> ZIC... Zonas de Intensidade Contínua. Platôs que compõem algumas conversas, alguns eventos, agenciados no voo da nave “Plunct Plact Zum”. Experiência ZIC da produção de uma vida bonita.



Conversa para acalmar os ânimos e bom encontro, Gabriela, ameaçada, começou outra brincadeira, falou de si, da mãe, do pai, dos irmãos. De uma trama de bolos a uma conversa ao pé do ouvido. Gabriela disse-nos os nomes de uma composição de pessoas, apresentou-nos sua família. Encontro-de-si. Em conversa, disse-nos: “*Minha mãe trabalha muito, só chega bem de noite*”. Depois perguntou-nos: “*Como é o nome da sua mãe?*”

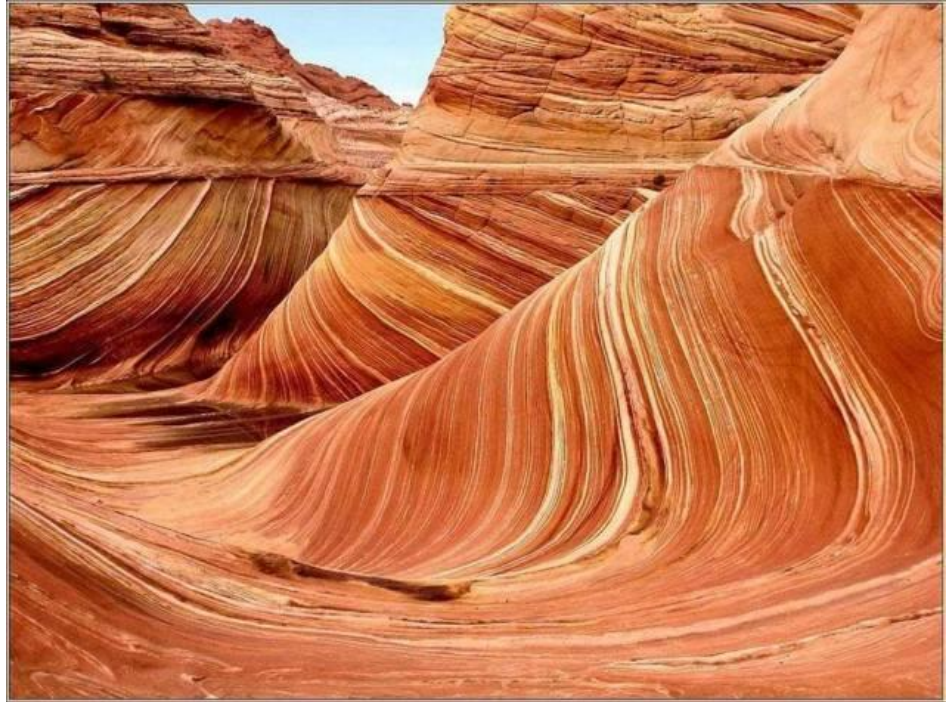
Ao falarmos de um mundo movediço de pessoas que vão e que ficam, a palavra mãe também parecia chegar bem tarde na experiência da cartógrafa, bem como os nomes de tantos familiares da Gabriela, que fugiam da memória e se perdiam. Porém, os olhos e as tranças da menina permaneciam como encontro-amizade em um prazeroso bate-papo de *café da tarde* em uma *feira de aniversário*. Ela jogou-se em nosso colo e ficou reticente quanto à perda de seus bolos. Assim, começou outra festa, talvez mais íntima, mais sua. Outras afecções que não se explicam.

Aliás, “**entender**”, para o cartógrafo, não tem nada a ver com explicar e muito menos com revelar. Para ele não há nada em cima – céus da transcendência –, nem embaixo – brumas da essência. O que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando expressão (ROLNIK, 2007, p. 66, grifo do autor).

O encontro ativa tantas combinações, o devir produz diferença. Viver sensações não localizáveis *a priori*, tampouco evidenciadas em formas e lugares determinados, pode enfeitar alguns “*bolos de areia*”, aumentar a alegria, reduzir os esquemas de representações demarcados pela lógica cognitivista e, assim, deixar a festa-escola intensiva.

Devir-zoom com mais detalhes, uma ampliação das dimensões transversalizadas pelas franjas e pelas frestas dos fluxos que arrastam as padronizações, as regularidades, e talvez pressionem o paradigma daquilo que só olhos veem e o coração não sente. Um zoom cartográfico dos movimentos e das forças, que atualiza e inventa modos de existir; potência de fazer falar, fazer ver e estabelecer relações com o que já estava implícito e virtual, configurando redes de visibilidade que acompanham os arranjos do território existencial (KASTRUP; BARROS, 2010). (De)formações dos efeitos acionados com o agenciamento da produção de subjetividade dos personagens que se conectam com a criação de outros

movimentos, de fenômenos de alteração dos estados de coisas, e misteriosamente arrancam dos encontros e dos acontecimentos o devir.



*Formação rochosa, The Wave (Arizona).*

ZIC... Prestando atenção a esse corpo que ora atende ora escapa às regras, seguimos, com Iguatemi, uma linha desconcertante e alguns movimentos que alteravam o bom humor e esgotavam a energia do professor, fazendo-o aborrecer-se. Iguatemi não conseguia ficar tão *comportado* e saía da roda, subia na mesa, ia ao banheiro sem avisar. Esticava os pontos de controle. A professora, bem brava, questionava-o: “*Iguatemi, você pediu para ir ao banheiro?*” E, em outros momentos, ela desabafava: “*Você não para quieto*”.

A tensão/conflito entre o encontro de si e a aprendizagem aumentava com tantas tentativas de correção dos atos de Iguatemi. O tempo e os seus instantes imprevisíveis fizeram acontecer, no quase fim de aula, um gostoso momento contornado com uma música de fundo. A professora convidava as crianças para deitarem em suas mochilas e, assim, esperarem seus familiares e/ou o transporte escolar. O clima trazia aconchego, leveza, *um pouco mais de calma*, e um verso em dó maior perfumou aquele instante: “*Tia, você tem filho?*”. Com voz baixinha,

Iguatemi cantarolava essas poucas palavras. Deliciosa sintonia musical querendo de alguma maneira dizer da afecção conturbada com aquela que durante todo o dia estava atravessada nas experiências da *criança que corre*. Havia nas poucas palavras “Tia, você tem filho?” um encontro familiar, com desejo de aproximação, de cuidado, uma vontade de dizer: talvez possamos nos conhecer mais?! Uma pista de que outros encontros e aqueles bons encontros inventados com a música, com a arte, podem provocar outras relações, outras aprendizagens; experiência pedindo escuta para o elo de vida com o professor. Depois, bem depois, essa professora chegou toda feliz apresentando seu primeiro filho, dizendo que nem imaginava que isso pudesse acontecer.

A música nunca deixou de fazer passar suas linhas de fuga, como outras tantas “multiplicidades de transformação”, mesmo revertendo seus próprios códigos, os que a estruturam ou a arborificam; por isto a forma musical, até em suas rupturas e proliferações, é comparável à erva daninha, um rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 21).

A cartógrafa implica-se com a arte de escavar o múltiplo, cria conversações sobre uma vida que enfrenta os limites da percepção restrita ao visível, desfazendo, desmanchando um pouco o modelo estruturalista das práticas, mobilizando-se e dobrando-se em tantos modos de afetar e de ser afetada. É que o desejo está relacionado conosco à medida que agimos (SPINOZA, 2011). Em vez de controle e soberania dos segmentos duros, das forças de opressão e de estrangulamento, “[...] a prática da cartografia cria condições para a transformação das relações entre os elementos/linhas/vetores afetivos, cognitivos, institucionais micro e macropolíticos, acionando movimentos e sustentando processos de produção” (KASTRUP; BARROS, 2010, p. 80).

Com a composição de outra *ZIC...* sobrevoamos o território da Educação Infantil no ritmo de uma questão: “Onde é que vocês pensam que vão? Escrita “Plunct Plact Zum” dos movimentos que ressoam o que se entende por regime de verdade, “[...] no plano ético – às relações entre o falso e o verdadeiro, relações essas que são construídas e que balizam o entendimento que cada um tem do mundo e de si mesmo” (VEIGA-NETO, 2004, p. 98). Escrita que insere a cartógrafa no plano das possibilidades dos espaçotempos das experiências dos professores.

Transitar pelo território da pesquisa no mês de março de 2011 desencadeou um corte e um elo, já que a luta da categoria do magistério, envolvida com o movimento de greve, afetou os passos e os voos da produção desta escrita. Os desafios e a instabilidade da macro e da micropolítica: novas paradas de professores, assembleias e atos públicos influenciaram a vida do CMEI “Plunct Plact Zum” e mexeram com os planos da pesquisa. Foi preciso viver a intensidade do tempo outro que produz corte e elo. Tempo desalinhado.

O movimento de greve aumentou a potência de agir da cartógrafa que, ao apostar no coletivo coexistente dos planos das formas e das forças (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2010) e nos processos de desterritorializações, inseriu-se nos arranjos da vida em produção. Por exemplo, acompanhar uma reunião dos familiares das crianças que estavam sem aula por causa da decisão de greve. Uma entrada em outros possíveis, outras escutas.

Viajamos com a intensidade da fala de uma avó: *“Estou no movimento com vocês”*. Cada palavra, olhar, trazia conforto, sentimento que enlaçava o cansaço asfixiante das professoras em “marcha” bem como assumia o caos que faz novas conexões e, assim, transformava o que seria mais cômodo, mas seguido ao pé da letra em relação ao planejamento da pesquisa em curso, sendo necessário para a cartógrafa investir em outro cronograma, exigindo também outro tempo. Tempo ampliado de múltiplas inquietações, daquilo que se produz com os fluxos da vida, dose não medida, arte de fazer-se e desfazer-se, movimento de luta interna e externa, jeito demasiado estranho *de como a gente se torna o que a gente é*.

A greve trouxe consigo um contraste, entre claro-escuro, figura-fundo... Desenho da paisagem de um espaço ausente, pois as seis das dez salas de aulas encontravam-se com as portas fechadas e completamente às escuras. As lâmpadas do CMEI “Plunct Plact Zum”, por sinal quase todas apagadas, exaltavam uma sensação estranha que se dava pelo “vazio” deixado pelas professoras, pelas poucas crianças que circulavam e pelas poucas aventuras que se experimentavam, o que convergia para uma recíproca escuridão dos corredores não habitados e para uma claridade da vida de um silêncio de grito: há pessoas e processos que modificam a paisagem, fazem pensar.

Vivemos naquele curto instante – como é esquisito que o instante seja curto por ser instante e prolongado por fazer sentido; assim ele dura! – uma experiência em meio à presença ausente marcada pelo contraste da luz, por aquela penumbra de vida, um elo que sustentou o devir-cartógrafo no movimento de greve de duração de outro tempo.

Pensar o plano das formas e das forças aciona os vetores do visível e do invisibilizado. Libera o pensamento para pensar o voo de um *Carimbador Maluco*. São formas que se apresentam ainda engessadas e forças de irrupção, de resistência, como processo de criar modos de existência em mundos da representação hierárquica, classificatória, dicotômica, e também como “[...] possibilidade de criar espaços de luta e de agenciar possibilidades de transformação em toda parte” (REVEL, 2005, p. 74). Forças insistentes presentes na arte, no pensamento da diferença, na potência que emana dos platôs: “[...] tanto que é preciso passar por neblinas, ou vazios, avanços e atrasos que fazem parte eles próprios do plano de imanência” (DELEUZE; GUATTARI, 1997b, p. 41).



*René Magritte. Luce polare, 1927.*

ZIC: [...] *o humor é uma arte dos acontecimentos puros* (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 82, grifo nosso). Como a *dobra* pode levar-nos a uma escuta atenta? Pesquisa. Plano experiencial. Linhas de fuga. Vazio. Desejo. Dobras de si. Andando quase parados, enfrentando os deslocamentos com suas passagens que nos levam até o CMEI, sensações incertas nos interpelam: *E agora José?* Pra cá e pra lá, entre conversa, escuta, senta e levanta, frase que ainda não dá liga... (*você sabe o que é solista?*), passo a passo, alguns possíveis contágios, sensações meio discretas de um dia de sol que poderia também ser de chuva. Pensar o pensamento. Esquadrinhar os efeitos da composição dos devires, outras escutas... Um tom de criação suscita o riso. Todos na roda, enquanto a professora apresentava a ficha com a escrita dos nomes de cada criança e fazia as devidas recomendações para a vida útil da ficha: *“Não podemos amassar a ficha, nem colocá-la na boca, senão vai dar orelha”* (no sentido de que as pontas passam a ter dobras, ficam dobradas).

“Devir-humor”, um possível conversor de agenciamento, operador, componente de passagem (DELEUZE; GUATTARI, 1997b) que faz alguma coisa fluir. Rodrigo, uma criança dobrada, diz: *“Ih! ela vai ouvir o que a gente fala”*. Engraçado... a ficha pode ouvir?! Boa risada. Dobra-orelha. “O riso questiona os hábitos e os lugares comuns da linguagem [...]. O riso polemiza com o sério” (LARROSA, 2010, p. 178).

Comentamos com a professora a intensidade da conexão das palavras, mas ela estava envolvida com o momento que focava para as regras de preservação da ficha. Ficamos pensando na *“ficha”* com suas conjugadas maneiras de fazer sentido. Modulações da *linguagem patética* que se liquefaz em uma *linguagem paródica* (LARROSA, 2010). Logo, a dobra criou uma potência descontraída de ser cartógrafa e de viver uma infância insistente em dizer outra língua. Infância que nos enrola com suas palavras, desmonta o significado, digita outro texto.

A infância fala uma língua que não se escuta. A infância pronuncia uma palavra que não se entende. A infância pensa um pensamento que não se pensa. Dar espaço a essa língua, aprender essa palavra, atender esse pensamento pode ser uma oportunidade não apenas de dar um espaço digno, primordial e apaixonado a essa palavra infantil, mas também de educar a nós mesmos, a oportunidade de deixar de situar sempre os outros em outra terra, no des-terro, no estrangeiro, e poder alguma vez sair, pelo menos um pouquinho, de nossa pátria, de nosso cômodo lugar. Essa parece ser uma das forças da infância: a de uma nova língua, de um novo, outro, lugar para ser e para pensar, para nós e para os outros (KOHAN, 2007, p. 131).

Não há tantas certezas quando a “ficha” se dobra para escutar o que a gente fala. Expressividade das conexões, abertura e motivo constituinte no fazer-se “ficha”, dobra do significado e produção de riso, desejo, outros sentidos. Dobra que com a língua de uma criança pede passagem para outros afetos. “[...] oscilação entre o ser e o não ser, essa brecha que abre o riso e em que se instala como um ácido que tudo corrói” (LARROSA, 2010, p. 179).

Redobrando, desdobrando a “ficha”, escutamos o plano não da direção dos componentes, mas dos possíveis, acontecimento que chega. Experiência descentrada que produz algum encontro, pedido de uma palavra infantil, movimento capaz de fazer uma parada nas explicações. Um divertido jeito de dar vida às palavras e aos movimentos que escapam da “rotina na rotina”. “Sim, eis o que os meus sentidos aprenderam sozinhos; As cousas não têm significação; têm existência” (PESSOA, 2009, p. 96).

O plano movente das zonas de intensidade contínua constitui a permeabilidade dos processos de vida dos elementos desta pesquisa cartográfica e pede passagem ao acidentado, fissurado, dobrado, esburacado território da Educação Infantil, que também se insere no espaço definido por algumas palavras de um *Carimbador Maluco* que se apoia nos fundamentalismos universalizantes e nas denominações controláveis. Uma prática fiel de nominar o ensino, o que de alguma maneira pode ser ritmada com os versos musicais do voo da nave “Plunct Plact Zum”: *tem que ser selado, registrado, carimbado, avaliado, rotulado se quiser voar...*

Viagem entre o que pode um voo. Seguimos pelas fissuras do relevo-escola. Alguns escoamentos de Outros cursos talvez produzam outras infâncias, e um pedido sincero abre afecções rumo a novos voos: *Mas ora, vejam só, já estou gostando de vocês. Aventura como essa eu nunca experimentei!*

Voo intenso e turbulento das formas e das forças desse plano *ZIC*. Interstícios de tempo aberto e fechado, nuvens de raios asfixiantes e janelas de um horizonte infinito de afecções (outros ares), rigidez das regras e rigor da vida. Dupla existência dos movimentos que se aventuram entre territorializações e desterritorializações. *Carimbador Maluco* desejante de si: *o que eu queria mesmo era ir com vocês...*

Talvez nos encontremos ainda em novas ZIC... Outros eventos, outras linhas de conversas-questões, arte do pensamento. No mais, *boa viagem, até outra vez.*

O voo 3511 está em movimento, ainda dá tempo de irmos juntos, se não agora, até outra vez. Pista em questão: viajar pelo território da Educação Infantil torna a lógica que assegura o “controle de qualidade e a eficiência” do ensino um desafio (*Mas já que eu não posso...*) e permite também furar, cortar, fazer rajadas no modelo disciplinar e, assim, deixar passar rastros de vida a favor do que se pode experimentar quando os afetos potencializam aprender e criar modos de existência alegre que tombam a forma dominante: *“Pode partir sem problema algum”*.



*Outras artes (...) derrubando formas.*



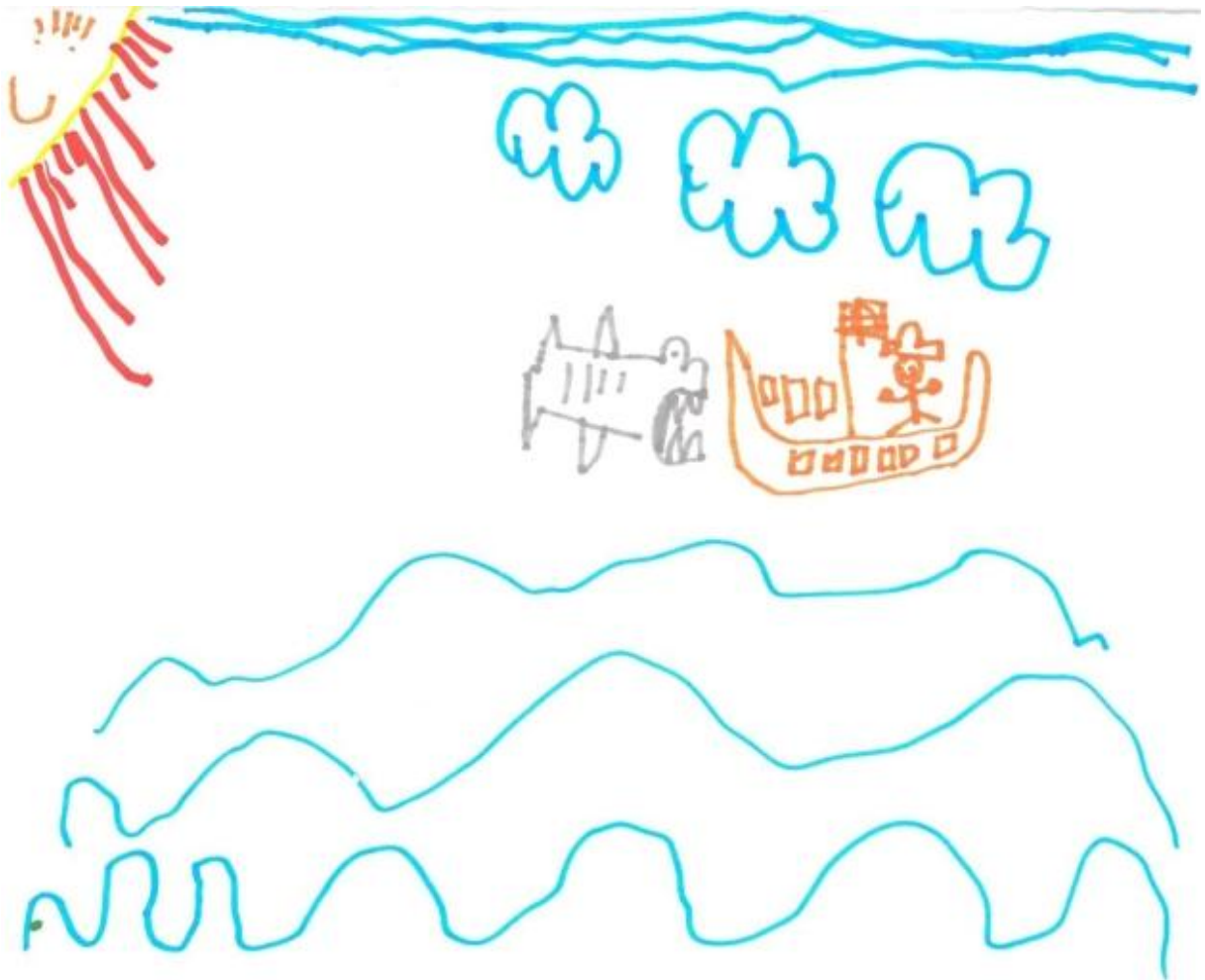


*“dando nó em pingo d’água...”*

*Lavar as mãos no refeitório... rotina-aventura entre possíveis  
escaladas.*

## DESEJO DE UMA VIDA BONITA... INFÂNCIA

Escrita-encontro das paisagens de um nascimento com o imperceptível (o que se fez ver). Mundo criado artisticamente. Estilizações do atual. “O atual não é o que somos, mas antes o que nos tornamos, o que estamos nos tornando, isto é, o Outro, nosso devir-outro” (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 145).



“Fazer do corpo uma potência que não se reduz ao organismo, fazer do pensamento uma potência que não se reduz à consciência” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 75).



“[...] extrair na vida o que pode ser salvo, o que se salva sozinho de tanta potência e obstinação, extrair do acontecimento o que não se deixa esgotar pela efetuação, extrair do devir o que não se deixa fixar em um termo” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 89).



## LINHAS DE CONVERSAS

O desenho de múltiplas e entrelaçadas experiências grafitam um jeito, uma maneira, uma arte cartográfica, irreverente, de cavar e sacudir os devires. Paisagens inusitadas, aventureiras, resistentes, engendradas com alguns vetores dos movimentos deslizantes, escorregadios do corre-corre das crianças e dos passos de personagens-adultos.

As linhas de conversas puderam ser acionadas com uma atitude de escuta bem como um pensar inventivo, que davam o que pensar. Outra forma de *cartoversar*<sup>16</sup> com o cotidiano do território da Educação Infantil em sua potência dos encontros, das conversas-questões: uma maneira de vasculhar os desejos, os intervalos do que as palavras não dizem de imediato, e das metamorfoses da escrita de si, modos de criar-se naquilo que se escreve.

Uma constituição de si, fragmentos da produção de uma vida bonita que se mostra, se expõe, abre brechas, também se esquia, se camufla em tantas possíveis proliferações de muitos sentidos. Conversas com estilizações de uma arte de si mesmo. Arte-pensamento, conversas de si, dizendo de outro modo, com uma expressão de Plutarco, uma escrita etopoiética: “[...] ela é operadora da transformação da verdade em êthos” (FOUCAULT, 2006a, p. 147).

Escrita-conversa. Pensamento com entonações de diferenciadas vozes, sons de uma língua em suas propagações estéticas. Exercício de si que conjuga certa maneira de ser, de conduzir-se. Estilo de liberdade. Arte da vida, uma ascética, uma prática de si:

[...] trata-se de encontrar a si mesmo como fim e objeto de uma técnica de vida, de uma arte de viver. Trata-se de encontrar a si mesmo em um movimento cujo momento essencial não é a objetivação de si mesmo em um discurso verdadeiro, mas a subjetivação de um discurso verdadeiro em uma prática e em um exercício de si sobre si mesmo (FOUCAULT, 2006b, p. 401).

---

<sup>16</sup> Cartoversar: atitude de compor experiências entre cartografias-conversas.

Estética. Estilo de vida. Obra de arte. Linhas de composição do desenho das conversas dançantes com o pensamento que nos sonda, nos invade, nos sacode com sua geografia, seus planos, suas deformações. Paisagens dos acontecimentos. Devir-mundo. Ethos. Ética. Encontro. Relações de forças.

[...] quais são nossos modos de existência, nossas possibilidades de vida ou nossos processos de subjetivação; será que temos maneiras de nos constituirmos como “si”, e, como diria Nietzsche, maneiras suficientemente “artistas”, para além do saber e do poder? Será que somos capazes disso, já que de certa maneira é a vida e a morte que aí estão em jogo? (DELEUZE, 1992, p. 124).

Aberturas do encontro. Escutar mais devagar, parar o tempo das palavras com suas informações e fazer passar conversas, puxar fios de uma trama que não tem a última razão de ser, que nasce e morre no instante da vida, não inaugura a reflexão explicativa das respostas certas ao “X” da questão. A conversa entra no meio fazendo-se pergunta... escutamos a partir de nós mesmos.

*“Ben 10 não é de Deus. Minha mãe não deixa eu ver” (Thiago)*

*“Éh de Deus sim! Minha mãe deixa...” (Edésio)*

Há que se deixar um espaço para as tensões, as dúvidas, sem saber se no final se chega ou não a um acordo. “[...] em uma conversa, não existe nunca a última palavra... por isso uma conversa pode manter as dúvidas até o final... [...] por isso uma conversa não termina, simplesmente se interrompe... e muda para outra coisa...” (LARROSA, 2003, p. 213).

[...] nunca se sabe aonde uma conversa pode levar... uma conversa não é algo que se faça, mas algo no que se entra... e, ao entrar nela, pode-se ir aonde não havia sido previsto... e essa é a maravilha da conversa... que, nela, pode-se chegar a dizer o que não queria dizer, o que não sabia dizer, o que não podia dizer...

[...] uma conversa está cheia de diferenças e a arte da conversa consiste em sustentar a tensão entre as diferenças... mantendo-as e não as dissolvendo... (LARROSA, 2003, p. 212-213).

A dinâmica do encontro nos movimentos das conversas inventa passagens por alguns componentes, como brinquedos, músicas, imagens, vídeos, que puderam ser

vetores de problematizações e de afecções. Com esses componentes entramos no território de sentidos e de expressões das falas, dos olhares, de outros ritmos das velocidades dos corpos, outras espessuras das formas, outras densidades das relações, como “tocas”, escapadas, linhas de uma aventura que ao se embaralharem produzem diferença. Vibrações, ondulações da poesia-de-si.

*“Eu quero você de presente pra mim”* (Paulo Roberto)

Uma linha de abraço com a professora de Educação Física

Muitas linhas de diversas entrelinhas aceleraram o voo “Plunct Plact Zum” com paradas e outras escalas nos movimentos das crianças, dos professores e de tantos personagens. Desenho das conversas. Rizoma. Fulgurações que podem chegar onde não sabemos. Encontro-invenção de um *Carimbador Maluco*. *Boa viagem*.

Uma conversa que entra pelo livro. Começamos a cantar com as crianças, enquanto esperávamos a hora da chegada da professora. Curioso que a música da conversa era o livro. Ora, “música para os olhos”. Cantando e convidando todos a cantarem, sentimos outro encontro com duas crianças que não cantavam. Elas nos atraíram com o som do movimento que falava com a produção de uma vida “entre mãos” que se leem. As crianças seguravam seus desejos em uma página de conversa:

*“Um avião de papel. É só dobrar e pronto”* (Caio).

*“Dobrar... dobrar... daí ele voa”* (Arthur).

O livro, um tanto maior que o de costume, e as mãos bem agarradinhas na mesma página desfolheavam nossa canção. A música, com outro ritmo, apresentou-se com a emoção de um canto literário. Devir-livro. Potência da vida que se desloca do centro, do planejado, um desvio que atrai o desejável. Estar com o livro em uma relação de amigos, de pensamentos-conversas. Novos desmembramentos das formas, melodia incorpórea.



*E os meus pensamentos são todos sensações...*<sup>17</sup>

As conversas ampliaram o território existencial da produção de uma vida bonita. Ficar em conversa. Maneiras de ser, modos de fazer, intensidades que tentam reverter o poder das palavras em meio a tantos procedimentos, tantas atribuições e cobranças para manter a disciplina, a organização, a previsibilidade. Escutamos atentos: *“Eu não tenho olho debaixo de mesa”*. Pausa, escuta, silêncios... Outros traços do pensamento. Decisões entre o dever de ordenar, corrigir e viver arteiramente.

---

<sup>17</sup> ANEXO E: Linhas de encontro com os versos de Fernando Pessoa. PESSOA, Fernando. **Poesias**. Porto Alegre: L&PM, 2009, (Coleção L&PM Pocket).



Essas palavras (“eu não tenho olho debaixo de mesa”) regiam com tom grave a fala que seguia em direção a um lugar meio camuflado, meio escamoteado, entre o permitido e o proibido. Esconderijo de crianças com suas criações. Sinal de perigo, de tensões, de outras velocidades afectivas. Eis que uma voz de supressão assusta ou espanta o surpreendente estilo de produzir beleza. Voz forte: “*Eu não tenho olho debaixo de mesa*”. Tom da professora que conduz a saída das crianças reunidas debaixo das mesas, estrutura de um possível salão de beleza, para o alojamento visível, definido, ideia que limita alguns contornos do corpo. Sendo assim, meio seduzida pela potência dos arranjos plásticos das crianças, a professora decide investir em um pequeno perímetro da sala, dizendo: “*Aqui pode, eu olhando vocês*”.

Os efeitos de um incômodo esconderijo, artimanhas das tocas, tornam desafiantes alguns critérios que tentam manter a ordem, zelar pela disciplina. A sala de aula tem um código, lugar próprio, normalização da vida, mas também se constitui de outras arrumações, barulhos e movimentos que permeiam os entre-espços das relações de força que “[...] situam o governo dos outros de modo indissociável do governo de si mesmo, no complexo jogo entre condução de condutas e resistências livres” (CANDIOTTO, 2010, p. 153). Conversão do olhar, transformação do agir.

Discretas performances, jogos de maquiagens, esmaltes de emoções inebriantes abrem um salão de beleza. Alegria, cores, cheiros de liberdade mesmo sob os olhos da direção dos componentes, e algumas brechas que interrompem um pouco, por alguns minutos, as proibições e expressam tantos desejos. Como, por exemplo, outro tom, um suspiro de vida da professora: “*Faz a unha bem bonita para o final de semana*”. Talvez um provável encontro com os versos do *Carimbador Maluco* dividido entre mensurar e afetar-se. Rastro que nesse voo dispara a potência da nave “Plunct Plact Zum”: “*Pode partir sem problema algum...*”

Descaminhos, paradoxos (des)territorializadores, conjugadas paradas, retorno de si – *como a gente se torna o que a gente é!* Lugares que desarrumam as formas exclusivas do hierarquizado modelo escolar e deixam existir mundos em uma mutação de ideias entre rótulos que definem o que pode e o que não pode e entre o que o desejo ativa e provoca.

Maneirismo<sup>18</sup> desconcertante de uma política de pensamento. Modulações da razão. Criação de mundos. Estética. Arte. Sensações. Devir. Nomadismo. Possibilidades de vida. Experiência daquelas viagens que nos fazem decolar com beleza. *Artistagens* dos inevitáveis contágios.

“*Ora, vejam só...*”, ainda nos esconderijos, Daniele, com diversos materiais de um salão de beleza, emociona-nos. Atenta, produzindo a unha de uma colega, ela usa para limpar o excesso de esmalte não um palito, instrumento das manicures, mas um fio de macarrão, devir-trivial do jeito inventivo de providenciar maneiras de existir e de ser beleza pura. Deliciosa *performance* do que pode uma criança. Suas criações expandem e estendem os códigos do estabelecido, pintam um intensivo ar de uma vida menos focada nos olhos do previsível.

Os eventos da pesquisa percorrem com cuidado as artimanhas da linguagem. Mundo da criança, fala da criança e mundo do adulto, fala do adulto. Palavras que pedem relações, forças que cortam os dois mundos e, pelo menos um pouquinho, estremecem o lugar do professor, convidando-o a habitar territórios desconhecidos e a viver como no des-terro, no estrangeiro, ser nômade em sua própria sala, em sua autoridade.

Um canto do *Carimbador Maluco* (“*o que eu queria mesmo era ir com vocês, mas já que eu não posso...*”) pode criar pequenos canais, articulações, passagens, istmos de um desejo de ir. Encontro de “*até outra vez*”, quem sabe em alguns voos rasantes, em que nada fica no lugar.

“*Esperem aí...*” Há desejo e há controle, sendo assim, tantas e tantas vezes não é possível embarcar no pensamento das crianças, nas aventuras que elas criam, no entanto, em outras “*diferenças*”, vezes, atenção: – sinal de tempo bom, poucas nuvens, céu claro... “*Pode partir sem problema algum...*”

As crianças empurram pelas armadilhas incertas do viver aqueles que se deixam afetar, elas sabem como escapar, como fugir. Abrem-nos saídas. Deixam os

---

<sup>18</sup> Maneirismo: o ethos é ao mesmo tempo morada e maneira, pátria e estilo. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol. 4. São Paulo: Ed. 34, 1997b, p. 128.

professores seduzidos com suas maneiras de se metamorfosearem. Fazem-nos voar alto e ligeiro.

Conversa vai, conversa vem, vivemos outra experiência que suspeita da direção do pensamento conclusivo e esperado do adulto. Entramos em um devir-óbvio. Gostoso encontro, conversa aconchegante com Tania, que nos conta, toda alegre, que *“faltam sete dias para viajar de avião”*. *“Que bacana!”*, completamos concluindo, *“vai encontrar com seus parentes?”*. *“Não, com a minha avó, ela é tão velhinha e nunca morreu”*.

Devir-óbvio que sorri das palavras-adultas: “parentes”. Conclusão que, perante uma criança, naquele instante parecia mesmo um “ente” distante. Ao invés, soa da voz infantil um timbre amoroso com a palavra avó, língua intensa de vida. Palavra pequena, sem complicações, despossuída de rodeios, encharcada de ternura. Pequena em sua escrita e mística em sua simplicidade. Elegante forma de compor uma relação que dura. Momento que diz com profundidade uma condição de ser avó, velhice que ameaça o tempo.

Ficamos pensando: se Tania tivesse dito: ela é tão velhinha, mas não morreu, que força teriam essas palavras com conectivo explicativo? Um devir-óbvio arrebatava outras palavras: *“Ela é tão velhinha e nunca morreu”*. Conectivo “e”, que traz continuidade, antes e depois, durante, sensações intensivas que dizem não dizer o óbvio. Força de sentido criada com o tempo de uma criança que nunca faz uma simples ideia, quem sabe uma ideia simples apenas, e tudo fica *diferença*.

Palavras. Ideias. Rastro de conversas. Voando nas pistas de novas linhas, experimentamos como outras possibilidades de vida muitas vezes ressoam baixinho. Condição que faz de algum modo ver o imperceptível, o ainda não percebido. Estamos à espreita, forças acionam desejos... podemos afetar-nos. Escuta atenta. As crianças de um lado e do outro encontram espaços de brincadeiras entre diferenciadas peças.



Seduzidos pelo jogo que nos monta, entramos nos movimentos de encaixes e desencaixes do *Legó*<sup>19</sup>. Produção não pensada, acontecimento que nos assalta, nos toca, que estica as ideias e inventa outras, prolonga o pensar e o viver. *Brincar de Legó*, monta, desmonta, remonta, encontra-nos. Com as peças, os encaixes, íamos formando-criando talvez uma nave, um carro, um veículo, (um pouco mais de conversa) e, afundando-nos nas peças e na brincadeira, pensamentos rolavam e, em outros voos, naves vermelhas, azuis, amarelas se juntavam. Peças corriam de mão em mão, escorregavam nos espaços de criação. Produziam invenções e questões. O que pode o pensamento? O que é o ato de criar?

Mostramos o nosso veículo-lego. Marcelo quis acrescentar nele outras peças, reconfigurá-lo. Pegou a nave e colocou “rodinhas”. A variabilidade das formas conferiu ao brinquedo um desenrolado movimento, bem mais divertido. Entre diferenciadas naves, comentamos com Marcelo: “*Você é fera!*” Olhando-nos ele respondeu: “*Por causa que eu penso vendo... (pausa), vendo na minha cabeça*”.

---

<sup>19</sup> Legó: brinquedo de montar.

O acontecimento não é de maneira nenhuma o estado de coisas, ele se atualiza num estado de coisas, num corpo, num vivido, mas ele tem uma parte sombria e secreta que não para de se subtrair ou de se acrescentar à sua atualização: contrariamente ao estado de coisas, ele não começa nem acaba, mas ganhou ou guardou o movimento infinito ao qual dá consistência. É o virtual que se distingue do atual [...]. Real sem ser atual, ideal sem ser abstrato (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 202).

Pausa, irrupção, zona intensiva de ideias criadoras, acontecimento que corta o modelo/representação e agencia o que pode ser ampliado do possível. Conjugações de um pensamento-devir (desconfiado do mesmo e do aparente estado de coisas que determina o que ver) que dão passagem a outra língua, deixam a gramática em êxtase, revolucionam o modo de ver, tensionam o significado, que não sai diretamente da cabeça, mas da criação. Arte de ver “mais no mesmo”.

O corte que se dá com o acontecimento traça outras sensações. Enuncia um pensamento-artista, desterritorializante, movente, que desloca o reduzido olho-visão e o expulsa para o meio, *intermezzo*, coração que vibra, corpo com os efeitos do processo-visão-sensação. Pensamento que desintegra, arrasta as regras, as locuções, a linearidade, o antes e o depois, num vaivém de mutações plásticas.

Acontecimento... “[...] o que recomeça sem ter jamais começado nem acabado, o interno imanente” (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 202). Possibilidades de criação. Pensar e ver. Ideias-transformações. Relação com o fora do pensamento. “Criamos algo, em suma, constituído por nossa visão e vontade de expressão” (CORAZZA, 2010, p. 86).

*Pensar vendo...* Inicialmente, ou melhor, em poucos segundos, levou-nos à constatação de que o olho representa a coisa e, assim, a reduz. Visão apressada. Segundos em segundos, *um pouco mais de paciência*, pausadamente a razão se sacode, estremece com velocidade o delírio do ideal da forma/modelo. Desenhando com outras ideias o que o olho vê e faz ver (visibilidades), o acontecimento lança, em meio ao caos, a sombria e secreta possibilidade... *vendo na minha cabeça*. Articulações. Trama. Passagens. Linhas de composição. Ideias criadoras. Estilo. Escrever a n-1. Ato do pensamento. Filosofia.

Marcelo, em sua cabeça, coloca-nos em questão. As ideias podem ser criadoras, estão agarradas com elementos a que ele dá forma, dependendo da força que

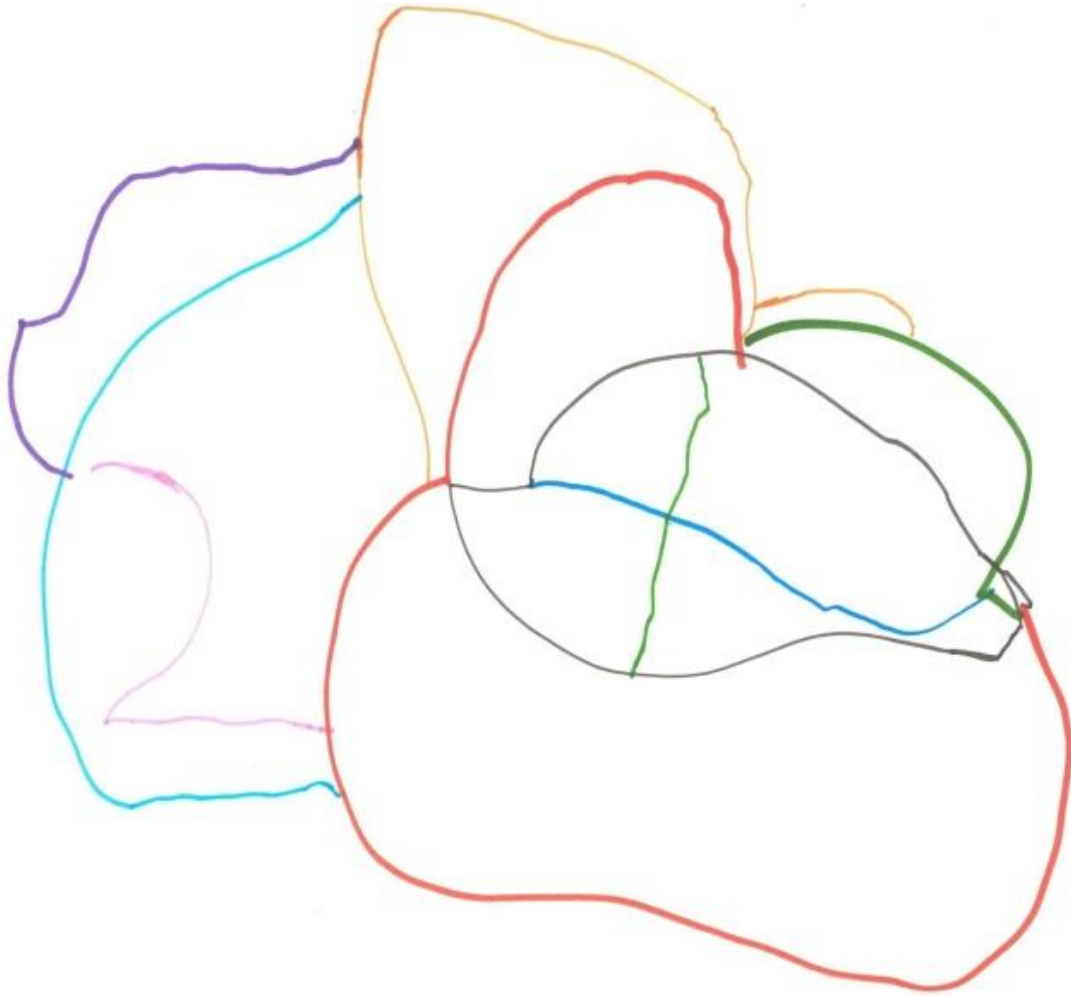
imprime e que o atrai. Forma tornada disforme. Multiforme. Há interrupção, desvio, caos, não uma única aposta no “penso logo existo”, antes um encontro com o outro do pensamento, o seu “lado de *fora*”; penso e crio, penso e constituo-me como obra de arte. Arte que faz outras obras, novas, e conecta-se no movimento do pensar. “*Por causa que eu penso vendo... vendo na minha cabeça*”.

“[...] a visão existe pelo pensamento, e o olho pensa, mais ainda do que escuta” (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 250). Vendo na minha cabeça, intervalo de ideias que inventa modos de rachar as palavras, de *fazer ouvir um grito nas coisas visíveis* e de quebrar a fixidez das verdades feitas. Arte de pensar. Desenho-forma-de-si. Informe (CORAZZA, 2010).

“Além do olho, os esquemas mentais e a estrutura neuronal do cérebro tecem a trama do texto ou da imagem. Nem superfície, nem tela, nem página, nem quadro: só momento de matéria e pensamento” (CORAZZA, 2010, p. 89). Trama de eventos inusitados, descontínuos, modulações da forma de pensar. Luta intensa dos entrelaçamentos do visível e do enunciável. Distâncias aproximadas, visibilidades como modos de ver a forma. Trama-processo-inventividade. *Vemos mais coisas do que sabemos a respeito delas*. Olhares, sensações, deixar ver, compor formas de ver, pintar o que não se vê, dar o que ver demorando no que se vê.

São coisas percebidas, mas não conhecidas, que não podem ser reduzidas a uma lei única; nem ter o todo deduzido de suas partes; tampouco ser reconstruídas por operações racionais. O pensamento do informe é dado pela distância entre intelecto e sensação, entre uma visão habitual e uma visão vazia: “uma obra de arte deveria sempre nos ensinar que não tínhamos visto o que vemos” (CORAZZA, 2010, p. 85, grifo do autor).

Visão-criadora-de-si-sensação. Informe que ensina a ver. Aprendizado do pensar. Olho vibrátil que se dilata com a vida das ideias, das forças atratoras de sentido. Modos de ver a forma que se atualizam. Ficção. Uma vida que nos monta *legamente* com liberdade, produção de pensamento, retorno, ideias-arte-de-Marcelo. Bom encontro. Alegria da escuta. Intensidade dos fios de uma conversa. Seguimos uma pista. Deitamos e roamos nas tentativas de compor com os possíveis das experimentações.



As nossas naves, produções de *lego inventivas*, estão conectadas com o desejo de fazer da vida obra de arte. Des(montamos) em outros de nós e decolamos com as transformações do voo 3511: “[...] a obra de arte é um ser de sensação, e nada mais: ela existe em si” (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 213).





## **VOO 3511... ONDE É QUE VOCÊS PENSAM QUE VÃO?**

Aonde o pensamento nos levar. Por fios que dão vida aos modos de expressar, sentir, de dizer os efeitos que traçam composições de um voo, possíveis encontros com o heterogêneo, com o “*fora*”. Pensamento que traz o impensável (o que pode ainda ser pensado) e assim desvia toda forma única cheia de si mesma.

Nos desvios, nas surpresas do acaso, podemos ir aonde até a escola do “Mesmo” duvida. Estranho, pois duvidar não é o forte dessa escola, ela determina certezas, prevê o início e o fim, identifica/representa o que pensar. Hierárquica de si, muitas vezes se camufla em um mundo ideal/previsível, porém, há uma vida escorrendo entre os desejos de outra escola, com linhas de paisagens e de afecções insondáveis, intensivas, e com o que fulgura na infância. “Infância, de contínuo nascer, ela é a possibilidade de quebrar essa inércia repetitiva do mesmo [...]” (KOHAN, 2005, p. 252).

Paisagens de uma vida bonita, canto retorno-de-si, viagens sempre no meio – nômades mesmo sem sair do lugar, como os versos do *Carimbador Maluco: o que eu queria mesmo era ir com vocês, mas já que eu não posso...* Versos com espaço de fuga, de outras aventuras pelo desconhecido, um instante ziguezague entre além e aquém da ordem e do caos. Ficar e partir. Voos misteriosos. Desejo de *boa viagem...* Algo muda com as aventuras do encontro, e o professor, como bem fazem as crianças, pelo menos um pouquinho entra na viagem fugidia dos afectos, uma outra rota, uma saída possível. Com outros carimbos dá passagem, produz um jeito de viajar entre controle e descontrole.

São nômades por mais que não se movam, não migrem, são nômades por manterem um espaço liso [...]. Viagem no mesmo lugar, esse é o nome de todas as intensidades, mesmo que se desenvolvam também em extensão. Pensar é viajar [...]. Em suma, o que distingue as viagens não é a qualidade objetiva dos lugares, nem a quantidade mensurável do movimento – nem algo que estaria unicamente no espírito – mas o modo de espacialização, a maneira de estar no espaço, de ser no espaço (DELEUZE; GUATTARI, 1997c, 189-190).

Decolamos no voo 3511, uma experiência labiríntica do desenho de alguns possíveis eventos. Evento-descontração: encontro com vários personagens do CMEI na Festa da Família com participação especial da Banda Casaca (Banda Capixaba). Evento-reunião: encontro pedagógico de finalização do ano de 2010 e apresentação da nossa proposta de pesquisa. Evento-ano novo: encontro singular de começo de ano. Planejamentos, encaminhamentos, ações coletivas e individuais. Decisões cartográficas do plano de habitação do território da Educação Infantil. Evento-deslocamentos: movimentos de produção de cartografias nos meandros do cotidiano do CMEI “Plunct Plact Zum”. Evento-qualificação UFES. Evento-ZIC: outros e possíveis (re)arranjos com as experiências das ZIC produzidas com o cotidiano das crianças e dos adultos. Evento-devir-paciência: tudo ao mesmo tempo, junto, sempre e em cada instante. Composições das linhas e das forças de todo o texto – escrita de si. Produção de uma vida bonita em tantos voos. Evento-devir-defesa da dissertação: *e os meus pensamentos são todos sensações*.

Nesse sentido, transitamos entre eventos, ora decolamos ora embarcamos na aventura de uma produção escrita de algumas experiências que nos afetaram. Mesmo com o desejo de expressá-las em suas tramas, relações, forças... nossos olhares/sentidos não trazem a intenção de totalidade, apenas inserem elementos dos nossos contágios, das nossas aproximações com um mundo que afirma outra condição de infância. Eventos-fabulações agenciados com o que podem as palavras, jeito desmedido e disforme, atual e virtual, efeitos singulares, arrebatadores de dizer que “[...] a escrita transforma a coisa vista ou ouvida ‘em forças e sangue’” (FOUCAULT, 2006a, p. 152, grifo do autor). Pensar em cada evento dos períodos de 2010 e 2011 não trazia escrita a trama e a intensidade do vivido. Escrevendo-nos na língua que deixa passar uma existência alegre, que conjuga movimentos e encontros a favor da vida e do que pensa o pensamento das crianças, tornou possível uma “aventura 3511 e tanto”.

Passeamos por uma geografia, encontro céu e mar, voamos-remamos com a nave “Plunct Plact Zum” – plano de formas e forças produzido com o acontecimento, o devir das coisas, criação de mundos. Escorregamos em solo de material molar e molecular, cavamos algumas linhas de fuga lapidando pedras do tempo cronológico e polindo imagens da experiência que corre na velocidade do olhar, do sorriso, do abraço e das invenções das crianças. Por rochas e ruínas, vales e montanhas,

cachoeiras de ideias, céu claro e escuro, nuvens e trovoadas, ruídos e cantos, desenhamos com o terreno da Educação Infantil uma maneira de viver, de pensar, de se constituir humano, demasiadamente humano, e, assim, “[...] tomar a obra por inteiro, segui-la e não julgá-la, captar suas bifurcações, estagnações, avanços, brechas, aceitá-la, recebê-la inteira” (DELEUZE, 1992, p. 108).

*E a vida que ardia sem explicação* desterritorializa-se, transita junto com a ordem e com o caos, interrompe a permanente rotina do mesmo lugar de algumas convenções, atravessa o idêntico, a cópia e, em sua órbita, trava uma relação que faz tremer o cômodo quadrado da “sala de aula” – espaço que tenta ser uniforme, no sentido de pouco problematizar com as provocações das crianças. Os tremores, por serem insistentes, e as crianças, rápidas em produzir outras possíveis ideias, desfazem o modelo “combinado” de levantar a mão e falar. Portanto, outra lógica movimenta o pensar, uma relação de sentidos, puro rizoma, tudo junto, ao mesmo tempo, potência que fala com o devir-criança. Pensar, então, percorre tantas “diferenças”. Pensemos no que pensar acerca da lógica operada com as conexões acionadas pelos desejos das crianças. Que implicações exploram/expandem o que tem sido declarado?

*Penso com os olhos e com os ouvidos*

*E com as mãos e os pés*

*E com o nariz e a boca.*

*Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la*

*E comer um fruto é saber-lhe o sentido.*

*Fernando Pessoa*

ESCUTAR... entrar em uma conversa, como sem saber o que fazer quando o barco em maré alta se perde nas profundezas das ondas agitadas. Remar é um jeito de seguir para algum lugar, continuar remando juntos pode mudar as rotas e uma direção ainda possível, condição *talvegue* que dá velocidade a uma escuta atenta e descolada dos universais próprios de quem tem a última palavra. Ondas-pistas a nos dizer que a “[...] lógica de um pensamento é o conjunto das crises que ele atravessa,

assemelha-se mais a uma cadeia vulcânica do que a um sistema tranquilo e próximo do equilíbrio” (DELEUZE, 1992, p.106).

Pistas de pistas escrevem pensamentos, desejos, (des)encontros... Entramos no vaivém das *performances*, dos desmanchamentos de formas como modulações da “Forma”, uma experiência informe, desviante, que se dissolve e se renova com os elementos múltiplos da vida como obra de arte. Pintamos espaços intermitentes. Canto *paciência* propagando-se com alguns voos e sobrevoos da viagem “Plunct Plact Zum”.

Uma história-aventura, aventuras da história *de como a gente se torna o que a gente é*, movimento infinito do aprender que não tem rumo certo e exclusivo do roteiro definido; qualquer lugar a que o vento nos leve, verso sem destino fixo, ventania que faz dançar antigo e novo, antes e depois, perto e longe. Tudo que faz pensar conecta e arrasta mundos, produz sentidos no *meio*, explosão de multiplicidade, diferença. “A história, segundo Foucault, nos cerca e nos delimita; não diz o que somos, mas aquilo de que estamos em vias de diferir; não estabelece nossa identidade, mas a dissipa em proveito do outro que somos” (DELEUZE, 1992, p. 119).

Explosão de multiplicidade de um *Carimbador* estriado-liso<sup>20</sup>, paradoxo musical que canta com a complexidade da vida tecidual da escola. Os espaços fechados e abertos, com centro e outros que não estabelecem pontos fixos, linhas métricas e de composições intensivas, percepção óptica e háptica, respectivamente, alguns vetores dos espaços estriados e lisos que se misturam, mas deixam vazios para uma distinção na maneira como se comunicam. Os dois espaços só existem de fato graças às misturas entre si (DELEUZE; GUATTARI, 1997c).

Um vazio, uma espessura porosa de afirmação lisa ainda nos chama para a existência singular desses dois espaços, quando Deleuze e Guattari “rasgam o verbo” dizendo que “[...] o espaço liso dispõe sempre de uma potência de desterritorialização superior ao estriado. [...]. O espaço liso é ocupado por acontecimentos ou hecceidades, muito mais do que por coisas formadas e

---

<sup>20</sup> Ver DELEUZE, G.; GUATTARI, F. O liso e o estriado. In: \_\_\_\_\_. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 5. São Paulo: Ed 34, 1997c. p. 179-214.

percebidas. É um espaço de afectos, mais que de propriedades” (DELEUZE; GUATTARI, 1997c, p. 185-187).

Viagem-rizoma, conexões múltiplas, passeios produzidos com a vida que pulsa entre tantos paradoxos. Em se tratando do *Carimbador Maluco*, uma assinatura marca os efeitos de seus versos, entrelinhas de diferença e de repetição, gerando diferença na repetição, repetindo de maneira diferente. Sim... um bruxo tem seus segredos, suas cartas podem mudar o jogo. A viagem pode seguir por tantos espaços coexistentes, justapostos, reunidos por forças moventes, desequilibradoras dos universais e, assim, em alguns momentos, criar em um só voo experiências sem território definido, ethos e estilo (maneirismo), coexistência de mundos, elo das fronteiras. Voos de tantas emoções e variações contínuas do tempo cronológico em luta com o tempo intensivo.

*Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma, até quando o corpo pede um pouco mais de alma*, a viagem não para. E a afirmação de uma vida bonita multiplica-se e expande-se, inventa um jeito com paciência e atenção de compor-se, cantar suas paisagens existenciais.

Outros voos, novos afectos. *A vida é tão rara...* um dia de despedida com sabor de chocolate. Uma semana após o encontro com o *Carimbador Maluco*: momento em que ouvimos juntos a música de Raul Seixas-Carimbador Maluco, assistimos ao clip, compusemos uma produção de desenhos-naves espaciais... Voltamos ao CMEI “Plunct Plact Zum” para um breve *até outra vez...*, afinal, *esperem aí...* devir-defesa bate à porta. Compartilhamos a doçura que o cacau nos proporciona e a delicadeza das palavras amigas, experiência-musical, ritornelo de sensações, aventura do pensamento que viaja entre afecções secretas. Tentávamos dizer *boa viagem*, estamos indo, mas Giovana enlaçava-nos com os seus versos: “*Não vai agora não*”.

Uma espera, um pedido de *fica mais um pouco* que nos transformava, mexia com nossas ideias, pois a aula seguia, após chocolate, abraços, olhares cúmplices, e a professora, com sua atividade programada, fazia o que era preciso. No entanto, as crianças queriam dizer-nos mais, entre algumas paradas, no meio das explicações da professora, elas cantavam: “*Plunct Plact Zum não vai a lugar nenhum... Plunct Plact Zum pode partir sem problema algum...*” (vozes suaves, murmúrio de encantos

que não atrapalhavam a professora). Sentíamos a presença-ausente de um vetor acionado em nossas experiências. As crianças tranquilamente sussurravam os versos da música. Música-encontro. Doce espera, suave melodia, instigante voo, horizonte infinito, pura imanência. “Uma criança cantarola para arregimentar em si as forças do trabalho escolar a ser feito” (DELEUZE; GUATTARI, 1997b, p. 116). Beleza que não nasce, não tem origem, simplesmente passa entre o que esconde um pouco de vida.

Uma criança no escuro, tomada de medo, tranqüiliza-se cantarolando. Ela anda, ela para, ao sabor de sua canção. [...]. Pode acontecer que a criança salte ao mesmo tempo que canta, ela acelera ou diminui seu passo; mas a própria canção já é um salto: a canção salta do caos a um começo de ordem no caos, ela arrisca também deslocar-se a cada instante (DELEUZE; GUATTARI, 1997b, p. 116).

O imperceptível contava sua história, sondava os desejos, enunciava experiências de um tempo em que o trabalho da cartógrafa ficava no gesto de admirar a obra de arte das palavras das crianças. Nossa única atitude era agradecer aos diferentes personagens dessa trama, viver com alegria um encontro-até-outra-vez. *Bye bye*. Improvável tempo que nos arrasta para ainda outros voos. Viagem indefinida, imanente, sem hora, nem data, sem partida. Viagem de si. Sensações de ritmos que comprometem a força da gravidade... operam tombamentos da forma, derrubam a “Razão” que só calcula... Uma viagem de movimentos-outras da razão que pensa, logo cria, nos desalinha, expõe o ainda não conhecido.

*Carimbador Maluco*... escutamos suas novas aventuras nas intensas palavras de simples conversas. Experiência de ouvir um pouco mais, andar devagar pelo material que dura com a força da travessia dos afetos: “Tomar o caminho de uma linha de fuga que é sempre o estopim da criação” (CORAZZA; TADEU, 2003, p. 66).

*“Minha tia conhece a música do Carimbador Maluco” (Jaidete).*

*“Lá em casa eu vi no computador o Carimbador Maluco” (Lúcia).*

*“Raul Seixas... meu pai falou que ele é um bruxo” (Giovana).*

Conversas que se dispersam entre espaços íntimos, outras experiências de uma duração inconclusa.

“Mesmo se o material só durasse alguns segundos, daria à sensação o poder de existir e de se conservar em si, *na eternidade que coexiste com esta curta duração*. Enquanto dura o material, é de uma eternidade que a sensação desfruta nesses momentos” (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 216, grifo do autor).

Viagens que falam com inúmeras composições e paisagens de uma existência alegre e bonita. Arte de viver. Um pouco de possível com os intervalos de uma vida que pede outras sensações, outros modos de desenhar os encontros. Palavras que com seus desejos escapam da forma padrão-dominante, gesticulam vibrações de amizade, expressam o cuidado de dizer as criações do não dito (fabulações, acasos, acontecimentos). Dizem dizer sem ser dito, antes sentido. “Quando a língua está assim tensionada, a linguagem sofre uma pressão que a devolve ao silêncio”. (DELEUZE, 1997, p. 128).



Van Gogh. *A noite estrelada*, 1889.

## DE SAÍDA... UM DESPISTAR À FRANCESA: ATÉ OUTRA VEZ

Ainda um verso...

*“Meu irmão falou que eu vou ter mais vida...  
porque vou ter namorada primeiro que ele” (Luiz Carlos).*

Mais vida... experiência com muitos encontros. Pura imanência. Escutar esse verso no meio da aula produzida pela cartógrafa traz um beijo de despedida cheio de surpresa. “É o devir que faz, do mínimo trajeto ou mesmo de uma imobilidade no mesmo lugar, uma viagem” [...] (DELEUZE, 1997, p. 77).

Com a força do que pode uma palavra, uma viagem, um encontro, alguns versos aceleravam, outros acalmavam os descaminhos desta escrita. Não que em um e em outro se tenha perdido o ritmo, já que, eles *se colocavam entre dois meios*. Entremeios, abertura, passagens a improváveis mundos, uma vida bonita, intensa e modificada pelas acentuações do relevo geográfico do CMEI “Plunct Plact Zum”.

Experimentamos os meandros com profundidade, entramos nas linhas de criação com os planaltos e as planícies do humor, com as cachoeiras e os rios de ideias inventivas da composição do sentido das palavras. Abraçamos as fissuras e as brechas que provocavam outras conexões nos modos de pintar a própria existência.

Cantarolamos e dançamos de devir-criança. Invadimos o saber formalizado, convalescente, que nomeia, classifica, define categorias e, assim, rachamos um pouco a sintaxe, infiltramo-nos nas tocas, nos labirintos, nos esconde-escondes do desejo de afetar e de sermos afetados.

Uma vida que se desloca na composição afectiva do *Carimbador Maluco*: “[...] *pode partir sem problema algum*”. Não sem paradoxos, limites, caos, incompreensões. Há, nas relações que se constituem com a produção de subjetividades, a força do desejo, as possibilidades dos voos rasantes e disparadores da experiência-diferença, estilo que desenhcou conjugadas *ZIC* e inventou um jeito de ser “*salão de*



*beleza*” – experiência desterritorializante, quando o lema “*Eu não tenho olho debaixo de mesa*” sofre algumas mutações e outros “olhos” escutam o plano imanente, acontecimento que coloca o ritmo da vida para decidir – a professora é afetada e faz com intimidade um apelo às crianças: “*Faz a unha bem bonita para o final de semana*”. Essas relações permitem voar, fazem-nos sair do nosso lugar de mestre e pelo menos um pouquinho viver como que no des-terro, sem pátria, sem EU, quem sabe apenas produzir-se com o que faz elos, ser consigo no outro, singularidades, vontade de potência de *como a gente se torna o que a gente é*. “Se alguém fez algo que imagina afetar os demais de alegria, ele próprio será afetado de alegria [...]” (SPINOZA, 2011, p. 118).

Produção de subjetividades de uma vida bonita em tantas metamorfoses. Desalinhamento. Dúvidas. Impensável mundo novo. “Despista aí”... um movimento da atenção (despistar<sup>21</sup>) que com sutileza nos levou para lugares menos padronizados e, com suas camuflagens, nos inseriu em uma viagem de detalhes a cada “*zum zum zum*”. Meio de despistar também a pista, caso venha a centralizar o que o olho nomeia apenas com o sentido da visão/olho. “Zum” que nos chama, nos convida a combater na imanência (ORLANDI, 2009), nos coloca à espreita e inventa outro estilo *maneirismo* de si.

Zum zum zum de possibilidades, não como usar ainda a última alternativa, visto que está pensada. Ao invés, viajar no acontecimento que nos move e cria saídas. Afinar os ouvidos no meio do “*zum zum zum*” e escutar as chamadas do devir-Z.

Escrita em ziguezague, um zum zum zum como da mosca, movimento do raio, que não para de produzir sons e voltas. Velocidades das vibrações dos universais e das singularidades que formam um precursor sombrio: entre-tempo que traz o acontecimento, retorno, criação do mundo. Explosão Z do abecedário de Deleuze<sup>22</sup>. *Zum maluco* que canta versos de afirmação da vida.

<sup>21</sup> Iludir a vigilância de; fazer perder a pista; desorientar. Disponível em: <<http://www.dicionarioweb.com.br/despistar>>. Acesso em: 18 abr. 2012.

<sup>22</sup> O abecedário Gilles Deleuze – parte 3: de M a Z. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/corpoarteclinica/obra/abc.prn.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2011.

*Quando o tempo passa e leva o instante, há sempre um entre-tempo para trazer o acontecimento (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 204).*

Um precursor sombrio ameaça a ordem estruturada das coisas, mexe com as posições unilaterais, desvia a sintaxe para um pensamento inventivo, outro, possível de solecismo infantil, dizendo de outra maneira, voltado à inobservância das regras de sintaxe. Solecismo desterritorializante, língua que estica as regras, a reta, o padrão linguístico do dizer convencional.



O escritor se serve de palavras, mas criando uma sintaxe que as introduz na sensação, e que faz gaguejar a língua corrente, ou tremer, ou gritar, ou mesmo cantar: é o estilo, o “tom”, a linguagem das sensações ou a língua estrangeira na língua, [...]. O escritor torce a linguagem, fá-la vibrar, abraça-a, fende-a, para arrancar o percepto das percepções, o afecto das afecções, a sensação da opinião [...] (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 228).

Uma trama. Fio em fio entrefiam possibilidades de vida, atingem devires, enroscam-se no “*fora*”. Acontecimento que chega sem aviso prévio. As ideias criadoras investem no impensável das coisas ditas e sentidas que de mansinho foram compondo conversas, propagando boas novas de um mundo escrito na língua das crianças zigzagueantes: “Não há linha reta, nas coisas nem na linguagem. A sintaxe é o conjunto dos desvios necessários criados a cada vez para revelar a vida nas coisas” (DELEUZE, 1997, p. 12). Dar a ver um conjunto de ideias agenciadas com o desejo. Deixar cair a métrica/medida e viver a potência desequilibradora da arte de criar.

Sendo assim, experimentamos com a produção das *ZIC* uma gramática do desequilíbrio, sintaxe em devir (DELEUZE, 1997). Viajamos com as problematizações das crianças, saímos da nossa pátria mãe gentil e enveredamos por buracos, fendas, tocas, esconderijos de alerta de outras histórias, outras conversas, outros silêncios... Enfiamo-nos naquilo que trazia os movimentos do desejo, suas *performances*, escapadas, solecismos. Aprendemos junto com as crianças e aos poucos, sem pressa, com cuidado. Um canto de amizade arregimentou nosso trabalho.

A experiência de compor Platôs-*ZIC* no CMEI “Plunct Plact Zum” inventou uma escrita movente, nômade, que nos despistou dos assombros da educação que rege os mandamentos, as ladainhas da boa vizinhança, do respeito, da cidadania como dispositivos da grade curricular socioafetiva um tanto ou quanto preocupada em “proteger” a vida em sua diversidade, mais do que produzir diferença. Escrita-composição que vibra com o acontecimento que salta da literatura, da arte: “[...] uma espécie de língua estrangeira, que não é outra língua, nem um dialeto regional descoberto, mas um devir-outro da língua, uma minoração dessa língua maior, um delírio que arrasta, uma linha de feitiçaria que foge ao sistema dominante” (DELEUZE, 1997, p. 15).

[...] uma língua estrangeira não é escavada na própria língua sem que toda a linguagem por seu turno sofra uma reviravolta, seja levada a um limite, a um fora ou um avesso que consiste em Visões e Audições que já não pertencem a língua alguma. Essas visões não são fantasmas, mas verdadeiras Ideias que o escritor vê e ouve nos interstícios do processo, nos desvios de linguagem. Não são interrupções do processo, mas paragens que dele fazem parte, como uma eternidade que só pode ser revelada no devir, uma paisagem que só aparece no movimento. Elas não estão fora da linguagem, elas são o seu fora. O escritor como vidente e ouvidor, finalidade da literatura: é a passagem da vida na linguagem que constitui as Ideias (DELEUZE, 1997, p. 16).

Uma escrita “Plunct Plact Zum” pode viajar e partir, dar-se aos problemas, uma gestão dos problemas. O que pode um problema? Talvez inventar problemas, falar com um direito aos problemas (DELEUZE, 2006). Entre problemas cartografamos movimentos de resistência, linhas de fuga, voos possíveis de algumas experiências que se constituíram como um desenho/paisagem do devir-criança e da vontade de potência atravessada pelo desejo de uma vida bonita que acontece no relevo acidentado da produção de subjetividades, sempre no *meio* do que ameaça e desafia a força do novo. Meio que nos arrebatou para uma composição de versos conversas: “*Eu só quero fazer meu robô*”; “*Hoje estou mal-humorada porque minha mãe fala todo dia (tênis, tênis, tênis...)*”; “*Por causa que eu penso vendo... vendo na minha cabeça*”; “*Minha avó é tão velhinha e nunca morreu*”.

O que essas conversações expressaram ao pensamento que acredita na existência de uma vida bonita? Em que sentido elas atuaram naquilo que compõe as paisagens produzidas no território da Educação Infantil? Questões abraçadas com os conceitos de Deleuze: Diferença. Multiplicidade. Desterritorialização. Devir. Linhas de fuga. Platô. Plano de imanência. Maneirismo. Ritornelo. Encontro, enfim, de uma Composição a n-1. Conceitos que nos afetaram de alegria, inquietude, provocaram irrupção, cortaram nossos dualismos e nos ligaram aos movimentos de aumento de potência. Um corte que rasga o verbo em tantas ideias criadoras. Deleuze chegou chegando com suas perfurações transversais. A lógica tem a força do sentido. Diferença chama repetição. Mil platôs dançam com Nietzsche. O que é a filosofia? Criação do mundo. Arte do pensamento. Ziguezague sombrio de um tempo que insiste em morrer a cada instante de tanta vida.

*Vida das cartografias com as crianças,  
Composições,  
Paisagens,  
Uma vida bonita!*



Com estilo de uma saída à francesa, silenciemo-nos diante das “diferenças” do que pode falar um começo de fim. “As palavras pintam e cantam, mas no limite do

caminho que traçam dividem-se e se compõem. As palavras fazem silêncio” (DELEUZE, 1997, p. 128). *Até outra vez...* Ficamos entre composições e passamos deixando um pouco de arte. *Mas ora, vejam só...* uma saída à francesa com os silêncios e os vazios. Jeito de excitar os sentidos sondando um pouco mais os pensamentos que chegam com “pés de pomba”, como diz Zaratustra. Quem sabe um retorno para nos despistarmos com o que não se esgota, não se dá por acabado. E, talvez, recomece com Fragmentos Finais, de Nietzsche (2002, p. 212):

#### O BRÔNZEIO SILÊNCIO 20 (1)

*Cinco ouvidos – e som nenhum neles!*

*O mundo estava mudo...*

*Escutei com os ouvidos da minha  
curiosidade*

*Cinco vezes lancei o anzol sobre mim,*

*Cinco vezes não puxei peixe nenhum.*

*Perguntei – resposta nenhuma caiu-me na rede*

*Eu escutava com o ouvido do meu amor.*

Uma vida bonita entre composições e paisagens... Escrita gaguejante... outros possíveis. Um canto. Uma risada. Uma “ficha”. Um pouco mais de paciência. Vida que ardia. Propagações de *até outra vez*. Voo 3511: “A velocidade é ser tomado em um devir, que não é um desenvolvimento ou uma evolução” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 42). Será arte? Eis a questão.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, Antonio Carlos; OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de. Extremos e conectados. In: AMORIM, Antonio Carlos; GALLO, Sílvio; OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de. **Conexões**: Deleuze e imagem e pensamento e... Petrópolis, RJ: De Petrus; Brasília: CNPq, 2011.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Instante. In: \_\_\_\_\_. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Record, 2010. p. 226.
- BERGSON, Henri. **Memória e vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- CAVADÃO, Biquini. **Álbun**: o melhor do Biquini Cavadão. Rio de Janeiro: Gravadora EMI, 1994.
- BUJES, Maria Isabel E. **Infância e maquinarias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- CANDIOTTO, Cesar. **Foucault e a crítica da verdade**. Belo Horizonte: Autêntica; Curitiba: Champagnat, 2010.
- CARVALHO, Janete Magalhães. **O cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Petrópolis, Rio de Janeiro: DP et Alii; Brasília: CNPq, 2009.
- CORAZZA, Sandra; TADEU, Tomaz. **Composições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- CORAZZA, Sandra Mara. Pedagogia dos sentidos: a infância informe no método de Valéry-Deleuze. In: KOHAN, Walter Omar (Org.). **Devir-criança da filosofia**: infância da educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 81-94.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações, 1972-1990**. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Crítica e clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Nietzsche e a filosofia**. Porto: Rés-Editora, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Lógica do sentido**. 4. ed. reimp. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Nietzsche**. Lisboa: Edições 70, 2007.
- \_\_\_\_\_. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/corpoarteclinica/obra/abc.prn.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2011.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997a.
- \_\_\_\_\_. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 1995.

\_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 4. São Paulo: Ed. 34, 1997b.

\_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997c.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DESPISTAR. In: Dicionário Web. Disponível em: <<http://www.dicionarioweb.com.br/despistar>>. Acesso em: 18 abr. 2012.

ELLER, Cássia. **Álbum perfil**. Rio de Janeiro: Som livre, 2003.

ESCÓSSIA, Liliana da; TEDESCO, Sílvia. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 92-108.

FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a. (Coleção Ditos & Escritos, v. 5).

\_\_\_\_\_. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006b.

GALLO, Sílvio. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

KASTRUP, Virgínia. Aprendizagem, arte e invenção. In: LINS, Daniel. **Nietzsche e Deleuze: pensamento nômade**. Fortaleza, CE: Secretaria da Cultura e Desporto, 2001, p. 207-223.

\_\_\_\_\_. Flutuações da atenção no processo de criação. In: LECERF, Eric; BORBA, Siomara; KOHAN, Walter. **Imagens da imanência: escritos em memória de Bergson**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 59-71.

\_\_\_\_\_. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 32-51.

KASTRUP, Virgínia; BARROS, Regina Benevides de. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 76-91.

KOHAN, Walter Omar. **Infância: entre educação e filosofia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

\_\_\_\_\_. **Infância, estrangeiridade e ignorância: ensaios de filosofia e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

\_\_\_\_\_. **Filosofia: o paradoxo de aprender e ensinar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.



LARROSA, Jorge. A arte da conversa. In: SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 211-217.

\_\_\_\_\_. Desejo de realidade: experiência e alteridade na investigação educativa. In: BORBA, Siomara; KOHAN, Walter Omar. **Filosofia, aprendizagem, experiência.** Autêntica, 2008, p. 185-193.

\_\_\_\_\_. **Nietzsche e a educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LÓPEZ, Maximiliano Valerio. **Acontecimento e experiência no trabalho filosófico com crianças.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MEIRELES, Cecília. Canção excêntrica. In: \_\_\_\_\_. **Cecília de bolso.** Porto Alegre: L&PM, 2010. p. 44. (Coleção L& PM POCKET).

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Ecce Homo: como a gente se torna o que a gente é.** Porto Alegre: L&PM, 2010a. (Coleção L&PM POCKET).

\_\_\_\_\_. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém.** 18. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010b.

\_\_\_\_\_. **Fragmentos finais.** Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2002.

ORLANDI, Luiz B. Lacerda. Linhas de ação da diferença. In: ALLIEZ, Éric (Org.). **Gilles Deleuze: uma vida filosófica.** São Paulo: Ed. 34, 2000, p. 49-63.

\_\_\_\_\_. Combater na imanência. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). **Para uma vida não-fascista.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 201-208.

PESSOA, Fernando. **Poesias.** Porto Alegre: L&PM, 2009. (Coleção L&PM Pocket).

PIMENTEL, Osvaldo Lenine Macedo. Paciência. In: **Lenine - Acústico MTV.** São Paulo: Sony BMG, 2006. 1 CD, faixa 4.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais.** São Carlos: Claraluz, 2005.

RILKE, Rainer Maria. **Os cadernos de Malte Laurids Brigge.** Porto Alegre: L&PM, 2009.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** Porto Alegre: Sulina, 2007.

SCHÉRER, René. **Infantis: Charles Fourier e a infância para além das crianças.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SEIXAS, Raul. **Álbun: o carimbador maluco.** São Paulo: Gravadora Eldorado, 1983.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética/Spinoza**. Tradução de Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

TALVEGUE. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio>>. Acesso em: 23 jul. 2011.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ZOURABICHVILI, François. Deleuze e o possível (sobre o involuntarismo na política). In: ALLIEZ, Éric (Org.). **Gilles Deleuze**: uma vida filosófica. São Paulo: Ed. 34, 2000, p. 333-355.

# **ANEXOS**

**ANEXO A: Letra da música Paciência (composição: Lenine e Dudu Falcão)**

Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma,  
Até quando o corpo pede um pouco mais de alma,  
A vida não para...

Enquanto o tempo acelera e pede pressa,  
Eu me recuso, faço hora,  
Vou na valsa,  
A vida é tão rara...

Enquanto todo mundo espera a cura do mal  
E a loucura finge que tudo isso é normal,  
Eu finjo ter paciência...

O mundo vai girando cada vez mais veloz,  
A gente espera do mundo e o mundo espera de nós  
Um pouco mais de paciência...

Será que é tempo que lhe falta para perceber?  
Será que temos esse tempo para perder?  
E quem quer saber?  
A vida é tão rara,  
Tão rara...

Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma,  
Até quando o corpo pede um pouco mais de alma,  
Eu sei, a vida não para,  
A vida não para não...

Será que é tempo que lhe falta para perceber?  
Será que temos esse tempo para perder?  
E quem quer saber?

A vida é tão rara,  
Tão rara...

Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma,  
Até quando o corpo pede um pouco mais de alma,  
Eu sei, a vida é tão rara,  
A vida é tão rara...  
A vida é tão rara...

## **ANEXO B: Letra da música Carimbador Maluco (composição Raul Seixas)**

5...4...3...2...

- Parem! Esperem aí.

Onde é que vocês pensam que vão?

Plunct Plact Zum não vai a lugar nenhum!

Plunct Plact Zum não vai a lugar nenhum!

Tem que ser selado, registrado, carimbado,

Avaliado, rotulado, se quiser voar!

Se quiser voar...

Pra Lua: a taxa é alta,

Pro Sol: identidade,

Mas já pro seu foguete viajar pelo universo

É preciso meu carimbo dando o sim,

Sim, sim, sim.

O seu Plunct Plact Zum não vai a lugar nenhum!

Plunct Plact Zum não vai a lugar nenhum!

Tem que ser selado, registrado, carimbado

Avaliado, rotulado se quiser voar!

Se quiser voar...

Pra Lua: a taxa é alta,

Pro Sol: identidade,

Mas já pro seu foguete viajar pelo universo

É preciso meu carimbo dando o sim,

Sim, sim, sim.

Plunct Plact Zum não vai a lugar nenhum!

Plunct Plact Zum não vai a lugar nenhum!

Mas ora, vejam só, já estou gostando de vocês,

Aventura como essa eu nunca experimentei!

O que eu queria mesmo era ir com vocês,  
Mas já que eu não posso:  
Boa viagem, até outra vez.  
Agora...

O Plunct Plact Zum  
Pode partir sem problema algum...  
Plunct Plact Zum  
Pode partir sem problema algum...  
(Boa viagem meninos. Boa viagem).

**ANEXO C: Instante (Carlos Drummond de Andrade)**

Uma semente engravidava a tarde.  
Era o dia nascendo, em vez da noite.  
Pedia amor seu hálito covarde,  
e a vida rubro, dava um cice, ???

mas tão delicioso que a ferida  
no peito transtornado, aceso em festa,  
acordava, gravura enlouquecida,  
sobre o tempo sem caule, uma promessa.

A manhã sempre-sempre, e docia stutos  
eus caçadores a correr, e as presas  
num feliz entregar-se, entre soluços.

E que mais, vida eterna, me planejas?  
O que se desatou num só momento  
não cabe no infinito, e é fuga e vento.



**ANEXO D: Letra da música Vento Ventania (Biquini Cavado)**

Lê, Lê, Lê, Lê, Lê, Lê, Lê....

Vento, ventania

Me leve para

As bordas do céu,

Pois vou puxar

As barbas de Deus...

Vento, ventania

Me leve pra onde

Nasce a chuva,

Pra lá de onde

O vento faz a curva...

Me deixe cavalgar

Nos seus desatinos,

Nas revoadas,

Redemoinhos...

Vento, ventania

Me leve sem destino...

Quero juntar-me a você

E carregar

Os balões pro mar,

Quero enrolar

As pipas nos fios,

Mandar meus beijos

Pelo ar...

Vento, ventania

Me leve pra qualquer lugar

Me leve para

Qualquer canto do mundo,

Ásia, Europa, América...

Lê, Lê, Lê, Lê, Lê, Lê, Lê....

Vento, ventania

Me leve para

As bordas do céu,

Pois vou puxar

As barbas de Deus...

Vento, ventania

Me leve para

Os quatro cantos do mundo,

Me leve pra qualquer lugar...

Hum! Me deixe cavalgar

Nos seus desatinos,

Nas revoadas,

Redemoinhos...

Vento, ventania

Me leve sem destino...

Quero mover

As pás dos moinhos

E abrandar o calor do sol,

Quero emaranhar

O cabelo da menina,

Mandar meus beijos pelo ar...

Vento, ventania

Me leve pra qualquer lugar,

Me leve para

Qualquer canto do mundo,

Ásia, Europa, América...

Lê, Lê, Lê, Lê, Lê, Lê, Lê....

Me deixe cavalgar

Nos seus desatinos,

Nas revoadas,  
Redemoinhos...  
Vento, ventania  
Me leve sem destino,  
Quero juntar-me a você  
E carregar os balões pro mar,  
Quero enrolar as pipas nos fios,  
Mandar meus beijos pelo ar...  
Vento, ventania,  
Agora que estou solto na vida,  
Me leve pra qualquer lugar,  
Me leve, mas não me faça voltar...

Lê, Lê, Lê, Lê, Lê, Lê....  
Me leve, mas não me faça voltar...

**ANEXO E: Fernando Pessoa**

Sou um guardador de rebanhos.  
O rebanho é os meus pensamentos  
E os meus pensamentos são todos sensações.  
Penso com os olhos e com os ouvidos  
E com as mãos e os pés  
E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la  
E comer um fruto é saber o sentido.

Por isso quando num dia de calor  
Me sinto triste de gozá-lo tanto,  
E me deito ao comprido da erva,  
E fecho os olhos quentes,  
Sinto todo meu corpo deitado na realidade,  
Sei a verdade e sou feliz.